



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 290 - Fevereiro 2026

*A maior força moral
do mundo*



INÍCIO DAS INSCRIÇÕES
2 DE FEVEREIRO

INÍCIO DAS AULAS
24 DE FEVEREIRO

SOLENE CONSAGRAÇÃO
28 DE MARÇO

CURSO ON-LINE
CONSAGRAÇÃO A
NOSSA SENHORA

Por meio de um curso *on-line* totalmente gratuito, você poderá experimentar os encantos de ter por amiga a Mãe de Deus!

Ministrado com muita didática pelo Pe. Ricardo José Basso, EP, o curso consta de 27 aulas, ao término das quais se realizará a solene cerimônia de consagração. Cada aula aborda certo número de tópicos do *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, com um conteúdo que nos ajuda a aprofundar no conhecimento e no amor a Nossa Senhora.

Participe conosco! **Já são mais de dois milhões de pessoas**, dos mais diferentes lugares, unidas no mesmo propósito de conhecer Maria Santíssima e se consagrar a Ela como escravos de amor.



Acesse já e inscreva-se!
www.consagracao.arautos.org

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação
Assinante (anual): R\$ 330,00 únicos
Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais
Exemplar avulso R\$ 28,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Pentead de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

➤ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➤ EDITORIAL	
Leão XIV e a via unitiva	5
➤ A VOZ DOS PAPAS	
O poder do Papa tem limites?	6
➤ A LITURGIA DOMINICAL	
Nós Vos agradecemos, Senhor, pelas perseguições!	8
Sentinelas da luz	9
A obviedade da verdade	10
Do inimigo maligno defendei-me!	11
➤ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
"Meus pensamentos estão acima dos vossos"	12
➤ TEMA DO MÊS – O PAPADO	
Guia, modelo e esperança	16
Os antipapas – Lobos em pele de pastor	20
➤ SÃO TOMÁS ENSINA	
Por que um?	23
➤ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Eixo da História	24
➤ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
O Papado em face da Revolução	28
As Ordens Mendicantes e as disputas na Universidade de Paris – A defesa dos Mendicantes	30
➤ VERDADES CATÓLICAS	
Mãe e Senhora do Papado	34
➤ VOCÊ SABIA... ..	37
➤ VIDA DOS SANTOS	
Beata Ana Catarina Emmerich – Esposa de Cristo crucificado	38
➤ DONA LUCILIA	
Amor filial em função da Santa Igreja	42
➤ ARAUTOS NO MUNDO	44
➤ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
O embate entre Davi e Golias – Pedrinha da graça "versus" grandeza do homem.....	48
➤ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
O imperador mendigo e o pobre onipotente.....	50



Reprodução

12 E se você pudesse escolher o primeiro Papa?



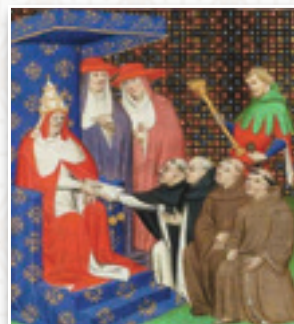
Gustavo Kralj

16 Força que, pelo amor, tudo penetra e tudo move



Reprodução

23 Dignidade e unicidade da missão de Pedro



Reprodução

30 Episódio do passado, lição para o presente

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Tenho uma dúvida sobre a questão da autoria das cartas paulinas. Li em outra revista católica sobre questionamentos quanto à autoria de ditas cartas – de que São Paulo não as teria escrito! No entanto, os Doutores da Igreja e mesmo outros tantos eruditos ao longo de séculos nunca questionaram a autoria destes ensinamentos tão importantes.

Renata Garcia – Via e-mail

Todos os católicos devem ter enorme cuidado ao ler estudos sobre as Sagradas Escrituras. Infelizmente, em muitos ambientes grassa certo espírito naturalista, positivista e racionalista, que confunde as mentes.

Contra isso alertava o Papa Bento XVI, em uma de suas audiências sobre o grande Doutor da Bíblia, São Jerônimo: “Nunca podemos sozinhos ler a Escritura. Encontramos demasiadas portas fechadas e facilmente caímos no erro. [...] Para [São Jerônimo] uma interpretação autêntica da Bíblia devia estar sempre em concordância harmoniosa com a Fé da Igreja Católica” (Audiência geral, 14/11/2007).

No que diz respeito às cartas de São Paulo, aquela cuja autoria mais se questiona é a Epístola aos Hebreus. Seria muito longo expor a discussão a respeito, mas, em síntese, podemos asseverar que há elementos sérios, sustentados por estudiosos de renome internacional, para afirmar que todas as chamadas cartas paulinas têm São Paulo por autor ou inspirador direto, inclusive a Epístola aos Hebreus.

José María Bover sustenta ser esta de inspiração paulina e até que o Apóstolo encarregou pessoalmente um redator – provavelmente de formação alexandrina – de escrevê-la (cf. *Teología de San Pablo*. 4.ed. Madrid: BAC, 1967, p.18-41).

Gostaria de perguntar sobre o fato de que algumas passagens do Antigo Testamento acabam soando muito “duras” nos dias de hoje. Ainda estou amadurecendo na Fé, mas com a graça de Deus creio em tudo que nos ensina a Santa Igreja, e serei eternamente grato se puderem me ajudar.

João Zuchetto – Via e-mail

Sua pergunta, João, é muito boa, pois demonstra fé, humildade e grande submissão a Deus, qualidades raras em nossos dias... Ela poderia ser reformulada assim: “Há trechos do Antigo Testamento que não entendo, mas, se o Senhor fez assim, só pode ser bom. Gostaria apenas de entender a razão de sabedoria que O levou a agir desse modo”.

A primeira coisa a evitar é considerar que existem dois “deuses”, um do Antigo e outro do Novo Testamento, ou que o Altíssimo mudou seu “modo de ser” com a Encarnação. Como afirma São Tiago, “em Deus não há mudança, nem sombra de variação” (1, 17).

Consideremos que no Antigo Testamento há comoventes manifestações da bondade divina: “Quem é comparável a Ti, ó Deus, que perdoas o pecado e esqueces a transgressão do remanescente da sua herança? Tu que não permaneces irado para sempre, mas tens prazer em mostrar misericórdia” (Mq 7, 18); “Porventura pode uma mulher esquecer-se de seu filho pequeno, e não se compadecer do fruto do seu

ventre? Mas ainda que esta se esquecesse dele, Eu não Me esquecerei de ti” (Is 49, 15).

A palavra misericórdia aparece mais de duzentas vezes no Antigo Testamento, para deixar claro que Deus sempre foi “compassivo e misericordioso, muito paciente e cheio de amor” (Sl 102, 8), e sua longanimidade com o povo eleito se mostra admirável, em meio a tantas infidelidades.

A diferença com o Novo Testamento reside na pedagogia usada com aquela gente de coração duro (cf. Mt 19, 8). Deus queria mostrar aos povos antigos a gravidade do pecado, pois suas iniquidades os tornavam cruéis uns com os outros e com os próprios conterrâneos. Ainda não havia começado o “regime da graça” (Rm 6, 14), inaugurado com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Assim, as passagens “duras” do Antigo Testamento devem ser interpretadas como ações infinitamente sábias de um Deus bondoso, mas que sabe mostrar a justiça adequada a cada situação.

LEÃO XIV E A VIA UNITIVA

Se Cristo ordenou a todos serem “luz do mundo” (Mt 5, 14), os Sumos Pontífices são os verdadeiros faróis da civilização. Seja na era apostólica ou medieval, seja nos tempos modernos ou em nossos dias, o Papado permanece o norte das aspirações humanas.

Seu poder não emana da inteligência humana, pois até os demônios a superam; nem do poderio bélico, pois sua pugna é transcendente; tampouco da extensão territorial, embora pela caridade ele abrace todo o orbe. Seu poder se fundamenta na potestade de unir a terra ao Céu, dignidade outorgada sequer aos Anjos.

Unicamente sobre Pedro, Cristo erigiu a sua Igreja, e apenas por ele Jesus rezou de modo tão especial: “Orei por ti a fim de que tua fé não desfaleça” (Lc 22, 32). Objeto de tão excelsas graças de estado, lhe é exigido insigne amor: “Tu Me amas mais do que estes?” (Jo 21, 15). Simão subsistiu como homem mortal; Pedro, porém, tornou-se uma instituição.

O Santo Padre é o vigário de Cristo, o continuador místico do Homem-Deus nesta terra, ao aplicar no tempo os méritos da Redenção, como renovada vítima no Calvário. É do alto da cruz que a cátedra de Pedro se torna inabalável, pois de lá, com o Salvador, atrai todos a si.

Ao longo dos séculos, muitos tentaram transformar essa pedra em ruínas. Na revolução protestante, todos seriam Papas; na Revolução Francesa, pela proscrição da Igreja, já não haveria Pontífices; nas revoluções autocráticas, os tiranos tomariam todo poder, inclusive o do Príncipe dos Apóstolos. Todavia, como confessou M. Thiers, herdeiro intelectual do anticlerical Voltaire, “eis uma lição da História: quem devora o Papa, sucumbe”.

Os Sucessores de Pedro são filhos do tempo, e com o Papa Leão XIV não é diverso. Em todo Pontífice há uma espécie de “luz primordial”, uma vocação única, que o faz alumiar uma especial faceta do ministério petrino.

Pois bem, o que mais se ressalta na atual cabeça visível da Igreja?

Sem dúvida, algo relacionado com o lema agostiniano de seu pontificado: *In illo uno unum* – No único [Cristo], somos um. Santo Agostinho não se refere a uma unidade amorfa, complacente com o mal. Jesus foi inequívoco: “Quem não ajunta consigo, dispersa” (Mt 12, 30).

Cristo é uno, cabeça e corpo unidos. Ora, todos os membros de seu Corpo Místico hão de buscar apenas o único necessário, à imitação de Santa Maria Madalena (cf. Lc 10, 42). Eis a *única* vocação do cristão: unir-se a Jesus, manancial para todas as vocações particulares.

Ao mesmo tempo, a plenitude da vida espiritual é chamada *via unitiva*, união transformante que compete especialmente aos Bispos e em particular ao Santo Padre. Esta via tem por objetivo não somente a perfeição, mas o estado de *exercício de perfeição*, tarefa que cabe hoje ao Papa Leão ao ser chamado, como Pedro, a confirmar seus irmãos na unidade (cf. Lc 22, 32).

Há exatamente um quarto de século, pela aprovação pontifícia em 22 de fevereiro de 2001, os Arautos do Evangelho têm um vínculo indelével com a cátedra petrina. Como outrora Silvano, pretendem ser um “irmão fiel” (I Pd 5, 12) dos Sucessores de Pedro, buscando trilhar com eles a via unitiva, a fim de colaborar na recapitulação de todas as coisas em Cristo. Para os Arautos, assim como para Leão XIV, o modelo de tal união se encontra na Mãe do Bom Conselho, a qual, por sua materna intercessão, uniu o Salvador à humanidade na pessoa de João. ✠



Papa Leão XIV durante a Santa Missa da Solenidade de São Pedro e São Paulo, em 29/6/2025

Foto: Vatican Media



O poder do Papa tem limites?

O Romano Pontífice tem a “sacra potestas” de ensinar a verdade do Evangelho, administrar os Sacramentos e governar pastoralmente a Igreja em nome e com a autoridade de Cristo, mas esta potestade não inclui em si mesma qualquer poder sobre a lei divina ou positiva.

MISSÃO DE CONSERVAR IMACULADA A FÉ CATÓLICA

O começo da salvação é guardar a regra da verdadeira Fé e não desviar de modo algum de quanto foi estabelecido pelos Padres. E já que não se pode preterir a sentença de Nosso Senhor Jesus Cristo, que diz: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16, 18), quanto foi dito é demonstrado pelos fatos que seguiram, já que junto à Sé Apostólica a Religião Católica tem sempre sido conservada imaculada.

SANTO HORMISDAS. *Libellus fidei*, 11/8/515: DH 363

UM COMPROMISSO QUE SERIA TRAIÇÃO VIOLAR

Podemos então compreender por que a Igreja Católica, ontem e hoje, dá tanta importância à rigorosa conservação da Revelação autêntica, considerando-a um tesouro inviolável, e tem uma consciência tão severa de seu dever fundamental de defender e transmitir em termos inequívocos a doutrina da Fé. [...] A ordem do Apóstolo Paulo – *depositum custodi* (I Tim 6, 20; II Tim 1, 14) – constitui para ela um compromisso tal que seria traição violá-lo.

A Igreja mestra não inventa a sua doutrina; ela é testemunha, guardiã, intérprete, intermediária; e, no que diz

respeito às verdades próprias da mensagem cristã, pode dizer-se conservadora, intransigente. E àqueles que a instam a tornar sua fé mais fácil, mais relativa aos gostos da mentalidade mutável dos tempos, ela responde com os Apóstolos: “*Non possumus* – Não podemos” (At 4, 20).

SÃO PAULO VI.
Audiência geral, 19/1/1972

CONSERVAR E EXPOR FIELMENTE O DEPÓSITO DA FÉ

O Espírito Santo não foi prometido aos sucessores de Pedro para que, por revelação sua, manifestassem uma nova doutrina, mas para que, com sua assistência, conservassem santamente e expusessem fielmente a Revelação transmitida pelos Apóstolos, ou seja, o depósito da Fé.

BEATO PIO IX. *Pastor Æternus*,
Concílio Vaticano I, 18/7/1870:
DH 3070

MAGISTÉRIO CONFORMADO À REVELAÇÃO

Quando o Romano Pontífice, ou o corpo episcopal com ele, define alguma proposição, eles a proferem segundo a própria Revelação, a que todos devem aderir e com a qual se devem conformar, e que é transmitido integralmente, por escrito ou por tradi-

ção, através da legítima sucessão dos Bispos e, antes de mais, pela solicitude do mesmo Romano Pontífice.

SÃO PAULO VI. *Lumen gentium*,
Concílio Vaticano II, 21/11/1964

A SERVIÇO DA PALAVRA DE DEUS

O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo. Tal Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a seu serviço, não ensinando senão o que foi transmitido, no sentido de que, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, religiosamente a ausculta, santamente a guarda e fielmente a expõe, haurindo deste único depósito da Fé tudo quanto propõe à fé como divinamente revelado.

SÃO PAULO VI. *Dei Verbum*,
Concílio Vaticano II, 18/11/1965

PODER SUJEITO À LEI DIVINA E POSITIVA

O Romano Pontífice tem a *sacra potestas* de ensinar a verdade do Evangelho, administrar os Sacramentos e governar pastoralmente a Igreja em nome e com a autoridade de Cristo, mas esta potestade não inclui em si

mesma qualquer poder sobre a lei divina ou positiva.

SÃO JOÃO PAULO II.
Discurso, 21/1/2000

GARANTIA DA OBEDIÊNCIA À PALAVRA DE DEUS

O Papa não é um soberano absoluto, cujo pensar e querer são leis. Ao contrário: o ministério do Papa é garantia da obediência a Cristo e à sua Palavra. Ele não deve proclamar as próprias ideias, mas vincular-se constantemente a si e à Igreja à obediência à Palavra de Deus, tanto perante todas as tentativas de adaptação e de adulteração, como diante de qualquer oportunismo.

BENTO XVI.
Homilia, 7/5/2005

LIGADO ÀS DISPOSIÇÕES DE CRISTO PARA A SUA IGREJA

A qualificação de monarca absoluto também não se aplica ao Papa nos assuntos eclesiásticos, visto que ele está sob o direito divino e ligado às disposições estabelecidas por Cristo para a sua Igreja. Ele não pode modificar a constituição dada à Igreja por seu Divino Fundador do modo como um legislador temporal pode modificar a constituição do Estado. A constituição da Igreja é fundada, em todos os seus pontos essenciais, sobre uma disposição divina fora do alcance da arbitrariedade humana. [...]

Como o enunciou com termos claros e distintos o Concílio do Vaticano e como resulta da própria natureza da coisa, ela [a infalibilidade papal] se refere apenas a uma qualidade do supremo magistério do Papa: este se estende exatamente sobre o mesmo âmbito que o magistério infalível da Igreja e está ligado ao conteúdo da Sagrada Escritura e da Tradição, como também às decisões doutrinais anteriormente proferidas pelo Magistério Eclesiástico.

No exercício do poder do Papa nada é por isso modificado.

BEATO PIO IX. *Respostas
à circular do Chanceler Bismarck*,
jan.-fev./1875: DH 3114; 3116

MEIO PARA CONSERVAR A FÉ DO POVO CRISTÃO E A UNIDADE DA IGREJA

[Jesus Cristo] constituiu a sua Igreja como uma cidade santa e a fortificou com suas leis e seus preceitos. Confiou-lhe a fé como um depósito que deve conservar religiosamente e com pureza. Quis que ela fosse o bastião inexpugnável da sua doutrina e da sua verdade, e que as portas do inferno jamais prevalecessem contra ela. Incumbidos do governo e da defesa desta santa cidade, defendamos zelosamente, veneráveis irmãos, a preciosa herança da fé de nosso Fundador, Senhor e Mestre, que nosso Pai nos legou em toda a sua integridade para que a transmitíssemos pura e íntegra à posteridade.

Se dirigimos nossos atos e nossos esforços segundo esta regra que nos traçam as Sagradas Escrituras, e se seguimos as normas infalíveis de nossos predecessores, podemos estar seguros de contar com todos os recursos necessários para evitar o que viria a enfraquecer e ferir a fé do povo cristão, romper ou dissolver em qualquer parte a unidade da Igreja.

CLEMENTE XIV. *Cum summi
apostolatus*, 12/12/1769

MESMO DOGMA, MESMO SENTIDO, MESMA SENTENÇA

A doutrina da fé, que Deus revelou, não foi proposta como uma descoberta filosófica a ser aperfeiçoada pelas mentes humanas, mas foi entregue à Esposa

de Cristo como um depósito divino, a ser por ela fielmente guardada e infalivelmente declarada. Daí que sempre se deve manter aquele sentido dos sagrados dogmas que a Santa Mãe Igreja uma vez declarou, e jamais, nem a título de uma inteligência mais elevada, é permitido afastar-se deste sentido.

“Cresçam, pois, e multipliquem-se abundantemente, tanto em cada um como em todos, tanto no indivíduo como em toda a Igreja, segundo o progresso das idades e dos séculos, a inteligência, a ciência e a sabedoria, mas somente no gênero próprio dela, isto é, no mesmo dogma, no mesmo sentido e na mesma sentença” (São Vicente de Lérins. *Commonitorium primum*, c.XXIII, n.3).

BEATO PIO IX. *Dei Filius*,
Concílio Vaticano I, 20/10/1870:
DH 3020

OUVINTES DÓCEIS E MINISTROS FIÉIS

O Papa, começando por São Pedro até mim, seu indigno sucessor, é um humilde servo de Deus e dos irmãos. [...] É o Ressuscitado, presente no meio de nós, que protege e guia a Igreja e que continua a reavivá-la na esperança, através do amor “deramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5). Cabe a cada um de nós tornarmos-nos ouvintes dóceis da sua voz e ministros fiéis dos seus desígnios de salvação.

LEÃO XIV.
Discurso,
10/5/2025

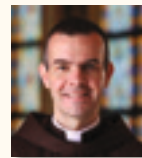
**Àqueles que querem tornar a doutrina católica
conforme aos gostos da mentalidade mutável
dos tempos, respondemos: “Não podemos”**

Imagem do Pescador - Basílica de São Pedro (Vaticano)





Nós Vos agradecemos, Senhor, pelas perseguições!



✠ Pe. Leandro Cesar Ribeiro, EP

A perseguição é uma bem-aventurança! E, portanto, estamos numa época em que ser católico equivale a ser bem-aventurado

Quantos Santos manifestaram sua gratidão a Deus pelo fato de serem perseguidos, dando prova inequívoca de terem compreendido o Evangelho deste domingo! Nele Nosso Senhor Jesus Cristo pronuncia a mais elevada de suas pregações: o sermão das bem-aventuranças. A mais elevada, sim, e a mais radical. Só lábios divinos poderiam afirmar que são bem-aventurados os pobres em espírito, os que choram e os misericordiosos (cf. Mt 5, 3-7)...

Entretanto, apenas no final do discurso o Salvador apresenta a bem-aventurança mais contundente: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo tipo de mal contra vós, por causa de Mim” (Mt 5, 10-11). A perseguição é uma bem-aventurança! E, portanto, estamos numa época em que ser católico equivale a ser bem-aventurado.

A nível individual, com efeito, que verdadeiro cristão não experimenta hoje a perseguição?

No trabalho suporta a caçada por ser honesto. Nas conversas é deixado de lado porque não conspurca os lábios com palavras indecentes. Em toda a parte torna-se vítima de olhares frios e de cumprimentos contrafeitos por parte daqueles que veem nele um estranho ser que reza, que vai à Missa, que não se escraviza à moda.

Já num âmbito institucional, que dizer da generalizada perseguição contra a Igreja? Basta contar sumariamente os templos católicos vandalizados ou incendiados nestes

últimos anos. Basta lembrar que nossa época rivaliza com a dos romanos quanto à cifra de mártires. Nunca tantos martírios foram tomados em tão pouca conta. E nunca tanta perseguição foi tão evidente... e tão esquecida.

O que fazer, então? Chorar? Diluir e ceder, para não perder? Deixar-se esmagar? Nada disso.

Em primeiro lugar, devemos agradecer. Deus está escrevendo nossos nomes ultrajados no Livro da Vida: “Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos Céus” (Mt 5, 12). Obrigado, Senhor, porque somos perseguidos! Obrigado por nos contardes no número dos eleitos!

E a nossa gratidão deve ir além. Não pode ficar num mero ato de reconhecimento. Tem de transformar-se em ufania.

De fato, não só não nos é permitido chorar, diluir ou deixar-nos esmagar, mas, pelo contrário, devemos formar o propósito de arrostar com galhardia a perseguição, de levantar a cabeça quando, pensando que nos insultam, nos chamam de católicos. Pois é só de peito aberto e fê robusta que se sofre dignamente pelo Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como afirmava Dr. Plínio, “esse é o católico desassombrado, intrépido, que não se envergonha de seguir o Divino Mestre, de se dizer filho e devoto da Santíssima Virgem, para a qual dirige sua entranhada prece: ‘Ó Mãe de misericórdia, minha vida, doçura e esperança. Fazei de mim a alma corajosa que devo ser, imbuída de uma leonina força católica apostólica romana, repleta de ufania cristã! E assim, ó Virgem, meu louvor a Vós será o tributo do homem que, acima de tudo, crê nas verdades divinas e por elas luta; será o louvor do heroísmo e da epopeia. Amém!’”¹ ✠

“O martírio de Santo Estêvão”, por Giorgio Vasari - Pinacoteca Vaticana

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. A ufania de ser católico. In: Dr. Plínio. São Paulo. Ano X. N.115 (out., 2007), p.4.



Sentinelas da luz

✠ Pe. Santiago Canals, EP



Ensina Leão XII¹ que uma das obrigações dos Pontífices Romanos é a de serem vigias do rebanho de Cristo: rechaçar os males que o ameaçam, bem como prevenir os fiéis contra as trampas dos inimigos da Igreja, afastando-as e frustrando-as com sua autoridade. Trata-se da missão profética daqueles que, como Isaías na primeira leitura deste domingo, têm o encargo de ser sentinelas, defensores e pregoeiros dos direitos de Deus.

Com efeito, o profeta alerta contra o perigo de nos afastarmos da mortificação e de renunciarmos ao domínio das paixões, e sublinha a necessidade de acrisolar a caridade para retornar ao caminho de Deus, onde a luz brilhará como a aurora (cf. Is 58, 8). Como logrará-lo num mundo paganizado?

Está na ordem natural que os homens se apoiem mutuamente para a satisfação de suas necessidades básicas. Mas isso não se pode reduzir a meros gestos de filantropia. Recorda-nos Leão XIV a união que deve existir entre os homens, como fator de verdadeira liberdade: “Todos nós

vivemos graças a uma relação, ou seja, a um vínculo livre e libertador de humanidade e de cuidado recíproco”.² Esta é a liberdade dos filhos de Deus, a caridade que desprende o coração humano dos liames do pecado e que para Santo Agostinho constitui o umbral da luz da verdade: “Quem conhece a verdade conhece esta luz, e quem a conhece, conhece a eternidade. A caridade é quem a conhece”.³

Nesse sentido, a Liturgia deste domingo poderia ser definida como a da denúncia profética.

São Paulo proclama a superioridade do preceito divino sobre a sabedoria humana: “Não julguei

saber coisa alguma, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (I Cor 2, 2). Também nós cristãos, graças ao Batismo, devemos anunciar que a Cruz é a verdadeira sabedoria, em contraposição à do mundo. Ela não satisfaz os anseios dos doutos e poderosos, que a consideram uma loucura, mas saciará plenamente os fracos e será sua fortaleza.

No Evangelho, Nosso Senhor sublinha a grande vocação de seus seguidores: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 14). E hoje, mais do que nunca, a luz deve ser a divisa dos discípulos de Cristo, que glorificam o Pai por suas palavras e exemplos.

O tema da luz está presente em toda a revelação bíblica. Já no Gênesis se narra a separação da luz e das trevas como primeiro ato do Criador (cf. Gn 1, 3-4), e no final da História da salvação será Deus mesmo a luz dos bem-aventurados (cf. Ap 21, 24). Na primeira leitura Isaías proclama a luz que brilhará sobre o povo, desde que este siga a vontade divina.

Em sua mais recente exortação apostólica, *Dilexi te*, o Papa Leão XIV indica essa luz como

uma característica dos primeiros monges que iluminaram seu tempo “por meio da plenitude da caridade”.⁴ Esta é, mais do que nunca, a missão de todos aqueles que exercem uma missão profética, sejam eles pastores ou fiéis, todos os batizados, membros da Igreja. ✠



Réplica de um profeta do Alejadinho - Casa Lumen Maris, Ubatuba (SP)

O dever de todos aqueles que exercem uma missão profética – pastores ou fiéis – é ser luz neste mundo de trevas

¹ Cf. LEÃO XII. *Quo graviora*, n.1.

² LEÃO XIV. *Homilia*, 1º/6/2025.

³ SANTO AGOSTINHO. *Confessionum*. L.VII, c.10, n.16.

⁴ LEÃO XIV. *Dilexi te*, n.57.

A obviedade da verdade



Pe. Inácio de Araújo Almeida, EP

“O óbvio não se diz”. Durante séculos, esse adágio foi frequentemente proferido para atestar o quanto é redundante e supérfluo afirmar a obviedade das coisas. Contudo, neste tempo de profundo relativismo religioso e de crescente entorpecimento espiritual, torna-se premente recordar que o óbvio, sim, deve ser dito.

Eis o contexto em que o Evangelho deste domingo nos apresenta uma das afirmações mais contundentes do Divino Mestre, a qual bem recorda uma dessas “obviedades” que devem ser ditas: “Seja o vosso ‘sim’: ‘Sim’, e o vosso ‘não’: ‘Não’. Tudo o que for além disso vem do Maligno” (Mt 5, 37).

Os primeiros cristãos foram educados nesta escola da “obviedade divina”, em que o sim era sim e o não era não. São Paulo assim escreve aos coríntios: “Deus é testemunha de que, quando vos dirijo a palavra, não existe um ‘sim’ e depois um ‘não’” (II Cor 1, 18). Também São Tiago admoesta categoricamente: “Que o vosso sim seja sim, e o vosso não seja não, para que não caiais sob o peso do juízo” (5, 12).

A linguagem de Cristo e de sua Esposa Mística sempre foi ordenada e definida, afirmando os princípios imutáveis da Fé em toda a sua clareza e integridade. Por isso a Santa Igreja “jamais poderá renunciar ‘ao princípio da verdade e da coerência, pelo qual não aceita chamar bem ao mal e mal ao bem’”¹.

Todavia, Santo Agostinho observa em uma de suas cartas: “A verdade é doce e amarga. Quando doce, perdoa; quando amarga, cura”.² Nem sempre o homem contemporâneo está disposto a aceitar o amargo sa-

bor da verdade, que amiúde se apresenta sob a forma de censura ou repreensão. Por isso parece temer não só a verdade em si mesma, mas as consequências que derivam da obediência aos seus preceitos. Muitas vezes torna-se mais cômodo prescindir da sua existência do que explicitamente se recusar a segui-la.

Já quando são encurralados pela evidência, muitos passam a defender uma “terceira via” entre o “sim” e o “não” proclamado pelo Divino Mestre. No íntimo de seus corações, a imprescindível coerência da verdade se obscurece em prol de uma concepção relativista da moral e da fé. Não mais existe o verdadeiro e o falso, o belo e o

feio, o bem e o mal; não há mais distinção entre o que vem de Deus ou do Maligno. E é sobre eles que fala o Profeta Isaías: “Ai de vós, os que ao mal chamais bem, e ao bem mal, que tomais as trevas por luz, e a luz por trevas, que tendes o amargo por doce, e o doce por amargo!” (5, 20).

Nestes tempos em que vivemos, a Igreja deve sempre apresentar-se como a “coluna e sustentáculo da verdade” (I Tim 3, 15). E ao católico cabe recordar que não basta evitar a mentira. Ele precisa também afastar-se das meias-verdades, para que não venha a dizer “sim” com os lábios e “não” com as obras. Uma meia-verdade não é outra coisa que uma mentira inteira. O não se decidir entre Deus e o Maligno, já é uma decisão. ✠



“O Salvador”, por Luis Borrassá - Igreja de Santa Maria, Terrassa (Espanha)

¹ SÃO JOÃO PAULO II. *Veritatis splendor*, n.95.

² SANTO AGOSTINHO. *Epistola* 247, n.1.

Diante do relativismo contemporâneo, às vezes é preciso recordar ao mundo verdades que são óbvias para os cristãos

Do inimigo maligno defendei-me!

✠ Pe. Juan Pablo Merizalde Escallón, EP



Tnicou-se na Quarta-Feira de Cinzas a Quaresma, tempo litúrgico que nos prepara para celebrar o mistério pascal. Esses quarenta dias evocam os anos de peregrinação do povo israelita pelo deserto, rumo à Terra Prometida, bem como os dias de jejum e penitência de Nosso Senhor Jesus Cristo antes de começar sua vida pública.

Recordamos assim como a Igreja vive em cada período de sua História um verdadeiro combate espiritual, sendo convidada a optar sempre pelo caminho do bem. O próprio Jesus travou tal batalha no deserto ao ser tentado por Satanás, como relata São Mateus no Evangelho deste domingo.

Trata-se de três solitações do demônio convidando-O ao pecado, cada qual mais grave do que a outra, resumindo os gêneros de tentação que podem nos assaltar, pois Nosso Senhor quis ser “provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4, 15).

Ao desmascarar a perfídia mentirosa do demônio com sabedoria e firmeza exemplares, o Divino Mestre constituiu-Se no modelo de perfeita esperteza contra insídias infernais. E Ele nos conclama a estarmos atentos, a sermos vigilantes e audazes, a discernirmos as tramas do inimigo e de seus sequazes para induzir-nos ao pecado.

O Salvador nos conquistou, ademais, as graças necessárias para nossa perseverança, inclusive – se, por desgraça, chegarmos a sucumbir – a força para nos reerguermos e seguirmos adiante nas

vias da santidade. Com efeito, afirma o Apóstolo: “Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima de vossas forças; mas, com a tentação, Ele vos dará os meios para resistir” (I Cor 10, 13).

O Altíssimo permite as tentações porque elas fazem parte do nosso estado de prova. Não devem, portanto, nos entristecer, pois são ocasião de mostrarmos a Ele o nosso amor. É a hora do heroísmo!

A falta não consiste em as sofrermos, mas em aceitá-las. No Pai-Nosso não pedimos que não sejamos tentados, e sim que não caiamos em tentação.

De outra parte, embora sintamos o quanto a prova nos faz sofrer, acabamos tendo uma espécie de desejo de passar por ela, porque percebemos como isso dá sentido à nossa vida e nos faz merecer o Céu. Quem nunca foi tentado, não viveu. Com razão escreve o Apóstolo São Tiago: “Feliz o homem que suporta a provação! Superada a provação, ele receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que O amam” (1, 12).

A oração é o remédio mais eficaz para resistir às tentações e investidas do demônio, pois este não pode fazer mal algum sem a permissão de Deus. Peçamos neste dia a graça de rechaçar firmemente qualquer solitação ao pecado, como o próprio Jesus nos deu exemplo, e rezemos sempre para obter o auxílio do Céu.

Roguemos, confiantes, ao Divino Redentor: “Não permitais que eu me separe de Vós; do inimigo maligno defendei-me”. ✠



Jesus é tentado no deserto

*As tentações
fazem parte do
nosso estado
de prova. E
Nosso Senhor
nos deu o
exemplo de
como agir,
triunfando
maravilhosamente
sobre elas*



“Meus pensamentos estão acima dos vossos”

Do contraste entre os critérios dos homens e os de Nosso Senhor na escolha de seu primeiro Vigário, tiramos uma importante lição: o juízo humano facilmente erra ao considerar as obras divinas, se não for amparado pela graça.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

A fama de João Batista havia marcado a história de Israel e a Opinião Pública ainda estava sob o efeito produzido por aquele homem incomum, que se alimentava de gafanhotos e mel silvestre, vestido com pele de camelo e um cinturão de couro. A Providência distribuía graças em torno à sua figura, e corriam a seu respeito inúmeros comentários, entre os quais predominava a ideia de ser ele o Messias, ou alguém muito ligado a este, dotado de poderes extraordinários.

Mas se tanto impacto causara João, tão só batizando e sem ter feito milagre algum, que entusiasmo suscitava Nosso Senhor no povo? O que era a palavra do Precursor perto daquela proferida pelo Verbo Encarnado? Quem poderia se comparar a Ele?

Um gesto d’Ele era um gesto de Deus; um olhar d’Ele, o próprio olhar de Deus; ao respirar – como na ocasião em que soprou sobre os Apóstolos após a Ressurreição (cf. Jo 20, 22) – seu alento infundia o Espírito Santo no fundo dos corações!

O poder da luz que de Jesus se irradiava torna-se muito patente já no início da vida pública, quando João Evangelista e André O acompanharam até onde Ele morava e ali passaram aquele dia (cf. Jo 1, 39). Sem dúvida

ambos O seguiram fisicamente, mas sobretudo foram impelidos por um toque da graça, como um raio na alma dos dois, convidando-os a ir atrás de Nosso Senhor! *Seguir* para eles significava conhecer sua escola espiritual e doutrinária, seus costumes e modos de ser, enfim, a novidade que acrescentava ao que haviam aprendido com o Batista. Se com João já se sentiam arrebatados de forma tão avassaladora, o que mais poderia trazer este, que lhe era “superior” (Jo 1, 30) e para O qual o primeiro vinha apontando?

O juízo humano falha ante as obras divinas

Jesus Nazareno estava comovendo Israel e espalhando em torno de Si perplexidades, interrogações e um grande mistério... Mistério que, evidentemente, todos queriam interpretar, pois o gênero humano sempre procura classificar aquilo que vê.

Ora, como “classificar” Nosso Senhor sem a Revelação? Como defini-Lo sem um juízo divino, sem um critério celeste? É impossível! As pessoas usavam sua inteligência humana, aplicavam suas qualidades naturais, mas se esqueciam de considerar os elementos sobrenaturais para distinguir n’Ele o Filho Unigênito de Deus.

Por isso, estando em Cesareia de Filipe, Nosso Senhor lançou a pergunta: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” (Mt 16, 13). Não o fez apenas com o intuito de deixar claro quem Ele era, mas também para separar os Apóstolos das opiniões equivocadas que existiam a seu respeito. O Criador da graça estivera durante três anos numa constante comunicação com eles, ilustrando o interior daquelas almas com sua luz, o *lumen Christi*, para ali introduzir e alimentar a fé, a esperança, a caridade e as demais virtudes e dons.

Tendo eles enunciado o não pequeno elenco dos variados conceitos que corriam entre o povo a respeito d’Ele, o Divino Mestre pôs em seguida o problema crucial: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” (Mt 16, 15).

Note-se que na primeira pergunta Jesus Se denominou “Filho do Homem”, e na segunda disse “Eu sou”, nome dado por Deus a Si mesmo: Javé. Assim, já estava quase insinuada a resposta para sua indagação. Pedro então exclamou: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (Mt 16, 16). Nosso Senhor afirmou não serem “a carne nem o sangue” (Mt 16, 17) que lhe haviam desvendado isso, mas sim uma revelação do Pai. Ou seja, não fora a mera natureza, nem a percepção ou o discernimento humanos.

Já neste ponto somos levados a tirar uma importante conclusão: o juízo humano é falho e, portanto, facilmente erra ao considerar as obras divinas, se não for amparado pela graça.

Quem sugeriríamos nós para ser o Papa ideal?

Suponhamos que, estando nós junto aos Apóstolos, Nosso Senhor Se voltasse para nós e nos dissesse: “Vou fundar a minha Igreja e quero um dentre estes doze para ser meu primeiro Vigário e sentar-se na cátedra da infalibilidade. Entretanto, desejo também tua opinião para escolher qual deles deve ser o Papa”.

Com que olhar iria eu contemplar os Apóstolos? Que impressão de desprezo não teria em meu espírito a propósito dos defeitos daqueles que ali estavam? Homens rudes e sem instrução, desprovidos de qualquer prestígio e importância social; vestidos de forma grosseira. A linguagem deles era de uma classe inferior, pois falavam com sotaque galileu, suas mãos estavam calejadas e seu andar era pesado... Quicá responderia eu:

“Mas, Jesus, o que pensais ao escolher tais auxiliares?! O que esperais destes pescadores?”

“A primeira figura que me aparece é a de Simão Pedro. Espontâneo, impetuoso, explosivo... Não mede bem as circunstâncias nem sabe refletir no que deve dizer, como aconteceu naquela noite em que, estando em meio à escuridão, Vós aparecestes caminhando sobre as águas e ele logo gritou: ‘Senhor, se és Tu, manda-me ir sobre as águas até junto de Ti!’ (Mt 14, 28). Que imprudência! Depois de ter andado sobre as ondas com o poder que lhe destes, começou a afundar, ficando numa situação ridícula! Esse, Senhor, é por demais afoito e superficial, não serve para o Papado!

“Meus olhos caem sobre Tomé. Também este não me parece adequado para desempenhar o cargo: é prudente em excesso, duvida de tudo, antepõe seus próprios critérios...”

“Encontro a seguir Tiago e João, os ‘filhos do trovão’, aparentados convosco. João é o vosso Apóstolo mais íntimo, mas muito novo ainda! E ambos possuem um temperamento colérico e combativo, não entendem o que seja a bondade, estão sempre desejosos de

grande capacidade prática e administrativa, e é o único que tem o bom senso de lembrar aos outros de não fazerem gastos supérfluos e guardar o dinheiro para os pobres... Judas Iscariotes, a meu ver, seria o Papa ideal!”

As escolhas humanas não coincidem com as divinas

Vemos, mais uma vez, o quanto as apreciações que fazemos são equivocadas não só a respeito de Deus, mas também a respeito dos outros e de nós mesmos, e como as nossas escolhas não coincidem com as de Jesus! “Quanto os céus estão acima da terra, tanto [...] os meus pensamentos estão acima dos vossos pensamentos” (Is 55, 9), afirma o Senhor.

Ao separar definitivamente os Doze do mundo e lhes entregar a missão apostólica para constituir sua Igreja, Nosso Senhor não o fez apenas enquanto Deus, mas usou, na qualidade de verdadeiro Homem, dois elementos como base: de um lado, seu conhecimento prático e experimental, vendo-os na situação em que se encontravam, com todas as suas lacunas e deficiências; de outro, seu espírito cumulado de graça e de luzes infusas, pelo qual penetrava em suas almas, reconhecendo neles a religiosidade, a dedicação e até certa virtude, e sabendo o quanto necessitavam ser assistidos pelo sopro do Espírito Santo e sustentados pelo Padre Eterno.

Mais ainda: na parte superior de sua Alma, Jesus os contemplava em Deus, pela visão beatífica, como se já estivessem na perfeição plena da glória eterna.

A eleição divina

Podemos imaginar que, numa atitude de humildade e obediência, Nosso Senhor quis expor ao Pai essa eleição, falando com entranhada consideração e afeto a respeito de cada um:



Ao separar definitivamente os Doze do mundo, Jesus os contemplava em Deus, como se já estivessem na perfeição plena da glória eterna

Cristo com os Apóstolos, por Andrea di Cione - Galeria Uffizi, Florença (Itália)

destruir e de resolver os casos rapidamente, à base da força e da violência. Esses dois não têm possibilidade de governar vossa Igreja”.

E assim, percorrendo todos os discípulos, chegaríamos até um, diante do qual nosso olhar se deteria:

“Ah, meu Jesus, este sim parece criterioso e equilibrado! É um homem calado, que pouco se mostra, pois pensa bem antes de se pronunciar. Possui

“Ó meu Pai, tão venerado e amado, entre os meus queridos discípulos apresento-Vos, em primeiro lugar, Simão, filho de Jonas. Fostes Vós, ó Pai, quem o designastes como fundamento da Igreja. Dar-lhe-ei, por isso, o nome de Pedro. É reto, franco, generoso; tudo se pode esperar dele, até o heroísmo! Confia demasiadamente em suas próprias forças, bem o sei, mas quando ele fraquejar, não perseverará na sua culpa e se arrependerá.

“André, seu irmão, foi o primeiro que veio ter comigo perto do Jordão, e imediatamente Me trouxe seu irmão. É também ardente, embora possua um temperamento mais calmo e sereno. Creio que sua abnegação pode atingir rasgos admiráveis.

“Tiago e João são, com eles, os obreiros da primeira hora. Abandonaram por Mim o seu velho pai. Impressiona-Me a forma como João Me escuta: é puro, tem o espírito elevado e amor ao sublime; em sua memória se grava tudo quanto Eu digo, lê-se no seu rosto inflamado um santo entusiasmo. Vejo que ele há de ensinar o meu Evangelho mais profundamente do que os outros.

“Filipe é zeloso e fala com simplicidade. Logo que chegou junto a Mim, conquistou-Me Natanael. Este último é um israelita sincero, que não conhece astúcia nem duplicidade de espírito. Fez-Me objeções e submeteu-se às minhas respostas. Parece-Me que se pode contar com ele.

“Mateus é aquele Levi que Me seguiu a um simples aceno feito de passagem. Reunindo num festim muitos dos seus amigos publicanos, permitiu-Me que lhes pregasse a justiça e a penitência. Presta, também, desvelada atenção a todas as minhas palavras, por mais insignificantes que pareçam”.

E assim, depois de percorrer todos os Apóstolos, o Divino Mestre também deve ter falado a Deus Pai a respeito do “filho da perdição” (Jo 17, 12): “Judas! É aquele que vai Me trair... Como fere meu Coração este homem! Sua alma dura e empedernida – Eu o vejo – será tomada por Satanás. Entretanto, Eu Vos peço que lhe sejam dadas todas as graças necessárias para que não siga essas vias e venha Me procurar!”

Nesse tremendo contraste entre as opiniões divinas e as humanas, compreendemos melhor o desprezo que o adorável Jesus demonstra pelas regras do mundo e o desígnio tão alto, grandioso e sapiencial com que Ele elege, para formar o Colégio Apostólico, esses pescadores miseráveis e incultos, aos quais mais tarde dotará de uma sabedoria superior, tornando-os condutores de homens, conquistadores, heróis, grandes santos, mártires incomparáveis.

Mais do que uma simples reparação

No caso concreto de Pedro, sabemos que ele possuía fé em alto grau, a ponto de se atirar no mar em busca de Nosso Senhor sem medir riscos e de proclamar por primeiro sua divindade. Entretanto, quando chegou a hora de afirmar ser seu discípulo, negou três vezes.

Por que negou? Não foi por falta de fé, uma vez que esta era robusta, mas porque ainda amava mais a si mesmo do que a Nosso Senhor e deu maior importância à opinião dos outros do que à d’Ele.

Se de fato sua entrega fosse total, talvez tivesse morrido junto com o Mestre naquela ocasião, pois o amor perfeito passa por cima do instinto de conservação. E assim não estariam apenas dois ladrões no Calvário, mas também o primeiro Pontífice, dando o exemplo de como seguir Jesus Cristo até a Cruz.

Contudo, Nossa Senhora rezava por ele. Ao encontrar-se o Apóstolo com Nosso Senhor, após a tríplice negação, aquele olhar divino converteu a pedra: percebendo como num espelho a situação de sua alma, penetrada de orgulho, vaidade e respeito humano, Pedro saiu angustiado e chorou...

Quando Nosso Senhor ressuscitou e lhe apareceu individualmente, começou então uma fase de esperança. Mas foi ainda nesse período que se deu o interrogatório de três perguntas idênticas por parte do Redentor a ele: “Tu Me amas?” (cf. Jo 21, 15-17). Pedro ficou triste e inseguro, julgando que Jesus perguntava três vezes para que pudesse reparar seu crime.

De fato, Ele queria uma reparação da falta cometida anteriormente por uma afirmação no sentido contrário, mas não só. Muito mais importante era



Elegendo, por sapiencial desígnio, miseráveis pescadores para constituir o Colégio Apostólico, Nosso Senhor demonstra seu desprezo pelas regras do mundo

Mons. João em agosto de 2003

dar a Pedro a oportunidade de crescer no amor, ainda antes da descida do Espírito Santo.

Sim, em certo momento uma língua de fogo pousaria sobre sua cabeça, e ele sairia proclamando o que antes lhe parecia imprudência. Por sua palavra três mil pessoas seriam batizadas num só dia, e por sua ação e seus milagres o Messias iluminaria o mundo e a História mudaria!

Mas primeiro era preciso que ele fizesse o firme propósito de amar Nosso Senhor mais do que a si mesmo, com um amor maior que o dos outros: “Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo”. Por isso, Jesus acrescentou: “Apascenta os meus cordeiros; apascenta as minhas ovelhas!”

A essência do Papado está no amor!

Desde o início, quando André conduziu seu irmão a Jesus, este já o escolhera para ser o primeiro Papa, dizendo: “Tu és Simão, filho de João; serás chamado Cefas (que quer dizer pedra)” (Jo 1, 42). Por quê? Por ser o que mais conhecia? Não. Porque, apesar de suas debilidades, era ele o que mais amava!

Vemos, então, um critério quicá a ser estabelecido nos conclaves, ou talvez ainda a se usar em épocas conturbadas, para a escolha de um Papa: aquele que mais ama é o que tem verdadeiramente capacidade de apascentar o rebanho. Pois quem conhece, ensina; mas quem ama, apascenta.

Um Papa não precisa ser o mais prudente e habilidoso ou o melhor diplomata. Também não necessita ser o mais preparado intelectualmente; nem o mais nobre ou distinto. Se nem mesmo a fê bastou àquele sobre o qual a Igreja foi erigida, como bastará a seus sucessores?

O amor, sim, constitui objeto de juízo, pois em matéria de mérito está



Reprodução

O espírito que presidiu visivelmente à fundação da Santa Igreja continua acompanhando de modo invisível seu desenvolvimento ao longo dos séculos

São Pedro recebe as chaves do Reino dos Céus - Igreja de São Pedro e São Paulo, Kôssen (Áustria)

acima do próprio conhecimento, conforme afirma São João da Cruz: “No entardecer desta vida, sereis julgados segundo o amor”.¹

De fato, para santificar, afervorar e unir mais à fonte da graça, Nosso Senhor Jesus Cristo, e a Maria, Mãe da graça, é preciso amar. Só faz brotar a tranquilidade, o consolo e a alegria quem se desprende de si, porque é da caridade que defluiu a paz. Santo Agostinho afirma: “*Dilige et quod vis fac* – Ama e faz o que queres”,² e nós podemos completar que quem ama é capaz de tudo, até de ser Papa... O egoísta, pelo contrário, cria em torno de si um ambiente de azedume, indisposição e mal-estar.

Deus dirige sua obra com mão onipotente

Eis uma impressionante lição, que nos leva à seguinte conclusão: é preciso que as obras de Deus sejam dirigidas por sua mão onipotente ou não há qualidade humana que as faça resistir.

Contemplando a Santa Igreja na atual conjuntura, devemos evitar qualquer pensamento de desânimo, ou quicá até de amargura, a propósito das deficiências e imperfeições existentes no elemento visível dessa divina instituição. Temos a crença de que o espírito que presidiu visivelmente à fundação dessa obra continua acompanhando de modo invisível seu desenvolvimento ao longo dos séculos, até os nossos dias.

Assim como a Igreja foi erigida sobre um esteio tão insuficiente sob o ponto de vista humano, mas depois tomou conta do mundo, acreditamos que, se hoje ela atravessa dificuldades, o auge de sua história ainda não chegou; antes, está para se realizar de forma estupenda e magnífica! As misérias ou defecções atuais, como nos tempos passados, longe de abalar nossa fê, são úteis para mostrar

aos olhos de todos a ação sempre miraculosa d’Aquele que com um simples ato de vontade criou o universo.

Tenhamos confiança séria e firme no futuro da Igreja: o Senhor fará com que esta barca chegue a bom porto! ✠

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1992 e 2010

¹ Cf. SÃO JOÃO DA CRUZ. Dichos de luz y amor, n.59. In: *Vida y obras*. 5.ed. Madrid: BAC, 1964, p.963.

² SANTO AGOSTINHO. In Epistolam Ioannis ad Parthos tractatus decem. Tractatus VII, n.8. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1959, v.XVIII, p.304.

Guia, modelo e esperança

Ao longo dos séculos, a figura do Pontífice Romano foi-se tornando cada vez mais nítida e valiosa. Infalível e supremo, o Papa não representará algo a mais para os fiéis?

✎ Miguel de Souza Ferrari



Ninguém é bom juiz em causa própria”, reza o adágio popular. Ou, para usar as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: “Se eu der testemunho de Mim mesmo, não é digno de fé o meu testemunho” (Jo 5, 31). O leitor talvez já tenha aplicado esse princípio, ainda que de modo involuntário, ou o tenha ouvido ser aplicado por outrem – possivelmente um não católico – à doutrina da infalibilidade pontifícia.

Com efeito, parece ser um circuito fechado o Papa afirmar: “Como tudo o que eu digo é inerrante, declaro que não posso errar”. Ou seja, a única garantia de ser ele infalível consiste em sua própria palavra. Soaria como o *“quia no-minor leo”*¹ da velha fábula romana.

Mas a realidade se mostra bem diversa. Em primeiro lugar, porque nenhum Papa criou o dogma da infalibilidade pontifícia; depois, porque nem tudo o que o Papa diz é infalível. Esclareçamos...

O primado romano ao longo dos séculos

Para começar, devemos levar em conta que desde o início da Igreja o Papa foi considerado como a autoridade máxima na Igreja.

O primeiro testemunho de que a Igreja Romana tem principado sobre todas as outras se encontra na pluma de um autor não romano, já no século I. Santo Inácio de Antioquia, na sua carta

aos fiéis da comunidade de Roma, chama-a de “a Igreja que preside na região dos romanos [...], que preside à caridade”.² Cabe notar que alguns teólogos interpretam a palavra *caridade* como uma referência à Igreja universal; outros, porém, afirmam que ela significa a totalidade da vida sobrenatural e, desse modo, a Igreja Romana teria autoridade para guiar e dirigir tudo o que se refere à essência do Cristianismo.³

Também São Jerônimo, estando na Síria, escreve ao Papa São Dâmaso para consultar-lhe algumas questões relativas à heresia ariana e declara: “Eu, entretantes, clamo: quem está unido à Cátedra de Pedro, está comigo!”⁴ No mesmo sentido, Santo Irineu explica ter sido sempre necessário que toda a Igreja, isto é, a totalidade dos fiéis, se unisse à Sé Romana, “por causa de sua superior principalidade”.⁵ E, ao longo dos séculos, tornou-se célebre a expressão de Santo Ambrósio: “*Ubi Petrus, ibi Ecclesia*”.⁶

Enfim, vamos poupar os leitores de um longo elenco de referências aos Padres e Doutores que defenderam a soberania do Papa na Igreja, bem como dos fundamentos bíblicos de tal doutrina. Citando o Concílio de Éfeso, celebrado em 431, o Concílio Vaticano I bem a sintetiza:

“Ninguém duvida, pois é um fato notório em todos os séculos, que o Santo e Beatíssimo Pedro, Príncipe e Chefe dos Apóstolos, recebeu de Nosso Se-

nhor Jesus Cristo, Salvador e Redentor do gênero humano, as chaves do Reino; e ele, até agora e sempre, em seus sucessores, os Bispos da santa Sé Romana, por ele fundada e consagrada com seu sangue, vive e preside e exerce o juízo”.⁷

O ouro e a prata surgem entre os trovões

Chegamos, pois, ao século XIX. Apesar das inúmeras revoluções, cismas e heresias pelas quais a Igreja passou, uma verdade não pôde ser retirada do coração dos fiéis: a máxima autoridade terrena do Corpo Místico de Cristo é o Papa.

Não obstante, em que consistia tal autoridade? Alguns exageravam, pois criam que ela fosse absoluta em todos os âmbitos. Outros temiam que uma definição dogmática a esse respeito redundaria num abuso do Magistério Eclesiástico.

Com efeito, ao longo dos séculos nem sempre o Santo Padre foi um modelo de santidade; o soberano da Igreja Católica teve por vezes uma opinião política inadequada; o condutor da Nau de Pedro cometeu deslizes...

Chegara, portanto – depois de dezenove séculos de fé implícita –, o momento de tornar tal doutrina perfeitamente clara.

Sentava-se no Sólido Pontifício o Beato Pio IX. Tendo já acumulado vinte e três anos nesse ministério – seu pontificado foi um dos maiores da História –,

ele percebeu claramente que, em situação tão delicada, nada haveria melhor do que convocar um concílio ecumênico, isto é, uma reunião de Bispos do mundo inteiro para tratar de um assunto vital da Igreja.

Pio IX queria um concílio à altura do tema em questão; era seu desejo que o maior número possível de Bispos participasse desse momento histórico. Assim, mais de setecentos dignitários eclesiásticos entravam em cortejo solene, naquele 8 de dezembro de 1869, sob um céu que, como no monte Sinai, apresentava sua tonitruante homenagem às novas tábuas da Lei, as quais, sem deixarem de ser pétreas, estavam agora representadas pelo ouro e prata das chaves do Pescador.

Iniciava-se assim o Concílio Vaticano I, o qual, tendo começado com as saudações dos estrondos celestes, estava fadado a terminar atacado pelos terrestres...

O plano inicial do concílio, manifesto no esquema *Supremi Pastoris*, visava tratar da Igreja e da primazia do Papa. Foi apenas posteriormente que Pio IX acrescentou o tema da infalibilidade, o qual entrou em pauta no dia 7 de março. Depois de inúmeras discussões e percalços, a quase unanimidade dos padres conciliares votou pela infalibilidade pontifícia – apenas dois prelados votaram contra –, que foi proclamada solenemente no dia 18 de julho, novamente sob a saudação celeste dos raios.

Em 19 de julho o Papa suspendeu por alguns meses as sessões conciliares; nesse mesmo dia, contudo, rebentou a guerra franco-prussiana e as tropas francesas se retiraram de Roma, deixando caminho livre para os liberais italianos invadirem os

Estados Pontifícios. Impossibilitado de dar prosseguimento ao concílio, em outubro Pio IX suspendeu as sessões *sine die*, mas o mais importante já se havia conquistado: a proclamação do dogma da infalibilidade pontifícia.

Confirma-se aqui o que acima afirmamos: nenhum Papa criou esse dogma – ele já estava vivo na Tradição da Igreja, baseado nas Escrituras, e foi explicitado e proclamado por decisão de um concílio ecumênico. Basta analisar o que exatamente se definiu.

O Papa é mesmo infalível em tudo?

A resposta da questão em epígrafe é simples: não.

Um curioso paradoxo cerca essa doutrina: a infalibilidade é garantida para a *pessoa* do Romano Pontífice, embora não se possa falar propriamente de uma infalibilidade *pessoal*.

Em outros termos, o Papa, cabeça e chefe da Igreja universal – ou seja, enquanto *pessoa pública* –, possui a infalibilidade, mas a pessoa particular do Bispo de Roma não goza de tal privilégio.⁸ É por isso que, por exemplo, se ele renunciasse a esse múnus, imediatamente perderia a excepcional assistência do Espírito Santo.

Destarte, o Papa é infalível apenas quando faz uso de sua autoridade, num ato em que invoque de forma manifesta esse privilégio, isto é, simbolicamente sentado em sua cátedra pontifícia – donde a expressão latina *ex cathedra* –, e não quando manifesta suas opiniões pessoais.

É preciso, ademais, que o assunto tratado seja concernente à Divina Revelação, quer dizer, a questões de fé ou de moral. Não será, portanto, infalível um pronunciamento pontifício sobre temas políticos, sociais, ecológicos, etc.

Guia, modelo e esperança

Feitas essas considerações, uma dúvida pode restar: sabemos que o Papa não é um tirano, que inventa as doutrinas a seu bel-prazer, e vimos que ele é infalível apenas em determinadas condições – as quais são tão restritas que poucos pronunciamentos verdadeiramente infalíveis foram feitos desde Pio IX; concluímos, com isso, que um fiel católico pode viver desconectado do Pontífice Romano, contanto que siga a doutrina infalível proclamada ao longo dos séculos? De modo algum!



O Príncipe dos Apóstolos recebeu de Nosso Senhor Jesus Cristo as chaves do Reino, e ele, agora e sempre, preside a Igreja em seus sucessores

Pio IX declara o dogma da Imaculada Conceição – Igreja de São Salvador, Plancoët (França)

Emeliet (CC by-sa 4.0)

A MAIOR FORÇA MORAL DO MUNDO

Escrito no início da década de 1940, com imagens próprias à época, o artigo de Dr. Plínio parcialmente transcrito a seguir revela o sempre perene poder de atração do Vigário de Cristo na terra.

Plínio Corrêa de Oliveira

Pedro, primeiro Pontífice, ao receber do Mestre as chaves do Reino do Céu, recebia antes seu Coração Divino. Possuindo o Coração de Cristo, capaz de amar a humanidade inteira, Pedro pode ser Cristo na terra. [...] Eis o mistério augusto que faz do Pontífice Romano o Pai universal dos povos, o pródigo distribuidor do pão da verdade, o guia seguro nos caminhos tortuosos da paz e da justiça.

Há vinte séculos a humanidade o reconhece como tal. Malgrado as lutas, as perseguições, as aberrações de todos os tempos, indivíduos e povos, grandes e pequenos, nos momentos de dor e infortúnio, voltam-se para Roma, apelando para aquele, que sem distinção de casta ou de raça, a todos ouve, a todos acolhe, a todos consola e abençoa. A força moral do Pontífice é a mesma de sempre, de hoje, de ontem, de todos os períodos da sua história. Ele é o ponto de atra-

ção de todas as inteligências e de todos os corações. Sua majestade, sublime e excelsa entre todas, supera o humano, atinge o divino. Rei de um pequenino Estado, assenta-se sobre um trono que é a garantia de todos os tronos, porque é o grande infalível da moral que defende a ordem mais que os aparatos da força e a bravura dos exércitos.

Quem quisesse conhecer, em sua realidade, o poder moral do Pontífice, não deveria fazer mais que colocar-se, um dia só, nos primeiros degraus da escadaria que leva ao Vaticano. — Quem passa? Interrogaria, maravilhado, a todo instante. — É um rico senhor, filho de além-mar. Viajou pelo mundo inteiro; visitou todas as maravilhas da terra. Reservou para o fim a maior de todas: antes de voltar para as ilhas da sua Bretanha ou para as capitais da sua América, quer ver o Papa de Roma. — Quem passa? — É uma irmã de caridade, com seu cândido véu esvoaçando ao vento. Deixou um

Ainda que a infalibilidade pontifícia se restrinja a questões de fé e moral, e que o Primado Romano se refira à disciplina da Igreja universal, o Papa não é apenas uma espécie de baliza que deve ser seguida apenas para não se desandar.

“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela”

Os fiéis têm o direito e o dever de olhar para o Bispo de Roma como um guia, um modelo e uma esperança

São Pedro - Basílica de São Pedro (Vaticano); ao fundo, interior da igreja

(Mt 16, 18); “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 17). Tais palavras do Divino Mestre a São Pedro não o mostram apenas como o detentor de uma autoridade, como juiz e árbitro. Patenteiam, outrossim, que o Sumo Pontífice é também — e, arriscaríamos acrescentar, principalmente — o Supremo Pastor, o pai de todos os fiéis, o doce Cristo na terra.

O senso dos fiéis, portanto, tem o direito e o dever de olhar para o Bispo de Roma como um guia, um modelo e uma esperança.

Guia, pois por seu magistério — não somente o infalível, mas inclusive o ordinário — ele é fonte de ensinamentos relativos à Fé.

orfanato, um asilo, uma escola no interior mais deserto da Índia: vem beijar os pés do Santo Padre, para voltar, feliz, entre os seus órfãos e consagrar-lhes a vida inteira. — Quem passa? — É um venerado prelado, de cabelos brancos, cheios de anos, alquebrado de fadigas. Vem do Canadá, das montanhas rochosas ou dos imensos pampas da América meridional. Vem ver o Santo Padre, implorar a sua bênção. — Quem passa? — É o embaixador do mais poderoso soberano do mundo. É protestante, mas não se desdoura em homenagear o septuagenário, que não é rei senão de um minúsculo Estado, mas que é o Pai universal de todos os povos. — Quem passa? — É um missionário do Japão, um religioso da Espanha, um missionário da África. Vêm para referir ao Vigário de Cristo o êxito de seus esforços, o fruto das suas fadigas apostólicas. — Quem passa, com todo esse aparato, com todo esse cortejo? — É um príncipe cristão, descendente augusto dos antigos guerreiros que rechaçaram os bárbaros, que fizeram as Cruzadas. Guardando nas veias o sangue, e no coração os sentimentos dos seus avós, não se peja de vir colocar aos pés do doce Cristo na terra o tributo do seu afeto, as homenagens dos seus súditos. — Quem passa? — É um peregrino da Polônia, é um monge da Armênia ou da Síria, é um homem de letras, é uma humilde filha do povo, é um livre-pensador, é um capitão de armada. Todos sobem ansiosos aquelas escadas. Percorrem impacientes as salas do Vaticano, para ver o ancião vestido de branco, beijar-lhe as mãos e os pés, ouvir-lhe a voz, receber-lhe a bênção. E depois, descem radiantes

de alegria, voltam bem-aventurados para as suas terras, para as suas casas, para os seus afazeres, e jamais se esquecerão desse dia tão afortunado.

É essa a história de todos os dias, de todas as semanas, de todos os meses, de todos os anos. Essa é a história de todos os séculos. Tal é a força misteriosa, centro da Roma nova, que partindo do Vaticano, irradia-se pelo mundo, toca os corações, tudo penetra, tudo move. E quando uma alma aflita ou dedicada não tiver a ventura de chegar-se ao Santo Padre para fazer uma queixa ou protestar o seu amor, ei-la mesmo de longínquas paragens, lançando um olhar e um grito para o lado onde se ergue, farol de justiça, a Cúpula de São Pedro.

Filipe Augusto, rei de França, pretendendo repudiar a sua legítima esposa, Ingelburga, princesa da Dinamarca, une-se a Inês de Merânia. A infeliz rainha, ao ver-se só, no exílio, longe dos seus, repudiada e desprezada pelo esposo infiel, prorrompe num grito de angústia, mas também de uma sublimidade sem par: — Roma! Roma! Oh, como é belo esse grito da alma oprimida, da inocência, da vítima, invocando de Roma a justiça. [...]

Eis a força moral do Pontífice. A mesma de ontem, a mesma de hoje; a mesma no passado, a mesma no futuro, a única capaz de salvar o mundo. ✦

O Papa, Vigário de Cristo. A maior força moral do mundo. In: *Legionário*. São Paulo. Ano XV. N.496 (15 mar., 1942), p.1

Modelo, pois o Santo Padre não tem apenas a obrigação de ser santo, como todos os demais batizados, mas, enquanto Vigário de Cristo, o próprio Salvador lhe concede de modo superabundante graças para que sua vida seja um modelo para as ovelhas. Basta-lhe não opor resistência à ação divina.

Esperança, pois num mundo caótico e desestabilizado como o nosso, onde são apresentados tantos guias cegos e tantos modelos falsos, onde a verdade é deturpada ou ocultada, o bem negado e a beleza conspurcada, onde, por fim, a fé parece excluída das instituições e das almas, nos lembramos das palavras do Salvador: “Simão, Eu roguei por ti,

para que a tua fé não desfaleça; e tu, por tua vez, confirma os teus irmãos” (Lc 22, 32).

Ou seja, é dever de todos os católicos devotarem seus melhores sentimentos ao Papa felizmente reinante, e rezarem para que ele seja sempre o “farol que ilumina as noites do mundo”.⁹ ✦

¹ Do latim: “Porque me chamo leão”.

² SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Lettre aux romains*, Sa-lutation: SC 10, 125.

³ Cf. QUASTEN, Johannes. *Patrologia*. 3.ed. Madrid: BAC, 1978, v.I, p.78.

⁴ SÃO JERÔNIMO. *Epistola XVI. Ad Damasum Papam*, n.2: PL 22, 359.

⁵ SANTO IRINEU DE LYON. *Adversus haereses*. L.III, c.3, n.2: PG 7, 849.

⁶ Do latim: “Onde está Pedro, aí está a Igreja” (SANTO AM-

BRÓSIO DE MILÃO. In *Psalmo XL*, n.30: PL 14, 1082).

⁷ CONCÍLIO VATICANO I. *Pastor Aeternus*, c.2: DH 3056.

⁸ Cf. GASSER, Vincentius. *Relatio in caput IV emendationes eiusdem*. In: MANSI, Jo-

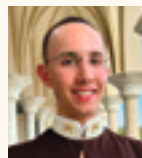
hannes Dominicus. *Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio*. Graz: Akademische Druck, 1961, v.LII, col.1213.

⁹ LEÃO XIV. *Homilia*, 9/5/2025.

Lobos em pele de pastor

Ao longo de dois mil anos, mais de quarenta homens tentaram usurpar o Papado para benefício pessoal ou em favor da impiedade. Sua história é uma das mais belas provas da invencibilidade da Igreja.

✠ Pedro Gusson Angelune Martins



Impostor: alguém que vive em meio aos sonhos, julgando-se aquilo que não é, com a candura de uma criança e a malícia de um demônio. O impostor quer que sua palavra seja acreditada e

até mesmo que seja admitida sua autoridade. Nele a hipocrisia mascara a verdade, a dissimulação camufla as atitudes, a astúcia pretende dar aparência de bem às obras más.

No cortejo dos supremos hierarcas do orbe – os Romanos Pontífices – alguns personagens em vão quiseram atrair para si os olhares de sua época. Tais impostores, vestidos de branco, passaram para a posteridade com o negro título de antipapas: aqueles que usurparam o título e as funções do Bispo de Roma, opondo-se ao Papa legítimo.

Um antipapa... santo?!

O caso de Santo Hipólito, primeiro antipapa, é especialmente curioso. Vindo de Alexandria, no ano 170 chegou à Cidade Eterna, onde foi ordenado pelo Papa Vítor I. O neopresbítero

era homem a quem custava curvar a cabeça. Como poderia um grande teólogo submeter-se aos inexpressivos Bispos de Roma? E como aceitaria a excessiva misericórdia que estes usavam para com os penitentes?

Quando, em 217, Calisto foi escolhido como Sucessor de Pedro, os partidários de Hipólito separaram-se da Igreja e elegeram-no invalidamente. Passaram-se assim quase vinte anos, até que a perseguição de Maximino assolou a Igreja e vários dignitários foram expatriados.

Segundo piedosa tradição, já no exílio o antipapa Hipólito dobrou-se perante o Papa Ponciano, então reinante, reconhecendo sua supremacia. Pouco depois, ambos preferiram a morte à apostasia. E, tendo o martírio unido aqueles que a vida separara, Hipólito foi inscrito no rol dos bem-aventurados.¹

Entre Pedro e César

Das grandes tentações que podem acometer um homem, uma das mais perigosas é julgar-se uma miniatura de Deus. Os imperadores romanos não estavam isentos de tal perigo. De fato, quando viam na religião uma oportunidade para fazer valer seus poderes, incorriam contra o mandato do Salvador: “Dai, pois, a César o que é de César” (Mt 22, 21). E a César não compete eleger Papas.



GFrehalter (CC by-sa 3.0)

Santo Hipólito - Igreja de São Nicolau, Châteaubriant (França)

Vestidos de branco, alguns personagens passaram para a história com o negro título de antipapas: os que usurparam o título de Bispo de Roma

O Imperador Constâncio, em meados do quarto século, exilou o Papa Libério na Trácia, após desavenças teológicas. Ora, quando um funcionário imperial era desterrado, perdia automaticamente seus cargos. Por isso, julgando as funções de Libério concluídas, Constâncio decidiu que o diácono Félix deveria sucedê-lo.

O povo romano não aceitou o antipapa e armou uma revolta. Em 365, diante da inviabilidade da situação, o imperador procurou uma componenda: Félix partilharia o Papado com Libério numa espécie de diarquia.² Tais concessões, entretanto, têm a rara qualidade de não agradar nenhum dos lados...

Compelido a retirar-se, Félix terminaria seus dias nos subúrbios de Roma, ainda exercendo funções episcopais. Sua comédia, porém, ensinou algo de sério para a História: os católicos distinguem a voz do pastor da do mercenário.

A força persuasiva das armas

Sendo o Bispo de Roma autêntico príncipe soberano com potestades temporais, também não faltaram tentativas de dominar a Sé Apostólica por seu valor secular.

Assim foi quando da morte de Paulo I, no verão de 767, em que o clima era quente em todos os sentidos. Dois partidos haviam-se formado ao redor do leito do moribundo: o do Duque Toto de Nepi, apoiado pelo exército; e o do cônego Cristóforo, sustentado pela nobreza romana. Usando a persuasão das armas, Toto assenhoreou-se do poder e fez de seu irmão leigo, Constantino, o inválido sucessor de Paulo I. Cristóforo, entretanto, correu a implorar o auxílio do Rei Desidério e conseguiu impor ordem à Urbe. O antipapa Constantino foi cegado e, após nova tentativa de sacração de um antipapa, foi assegurada a eleição legítima de Estêvão III.

“Há males que vêm para bem”. Após conturbada eleição, o novo Pontífice convocou em 769 um sínodo para, entre outras questões, delibe-



Reprodução

Deposição do Papa Bento IX no Sínodo de Sutri

*Não faltaram homens
que quiseram dominar
a Sé Apostólica por
seu valor secular,
nem quem quisesse
comprar o Trono
de Simão Pedro*

rar acerca das eleições pontificias. A partir de então, apenas o clero teria direito a voto, e somente os Cardeais seriam candidatos.

Quanto custa ser Papa?

É excepcional o caso de Bento IX, cujo nome aparece por três vezes na lista dos Papas. Eleito em 1032, necessitou fugir das revoluções que abala-

ram Roma em 1044, as quais tiveram por resultado sua deposição e a escolha de Silvestre III como Pontífice. Menos de um ano depois, retornou ao sólio pontifício... por pouco tempo, pois vendeu o cargo, ao final de dois meses, por mil e quinhentas libras de ouro.³

Que triste preço esse com que Bento avaliou o Trono de Simão Pedro! Na verdade, mostrou-se aliado de um outro Simão – o Mago – que já nos primeiros tempos da Igreja quis comprar com dinheiro o poder divino (cf. At 8, 18-23), preludiando assim a vergonhosa lista dos homens que comerciariam com bens espirituais.

Não obstante tão aberrante simonia, Bento IX acabou reeleito em novembro de 1047. Cansado, entretanto, de tão movimentada existência, renunciou definitivamente no ano seguinte, não sem marcar a História por seu mau exemplo. Dele surgiria uma longa disputa entre partidários dos imperadores

alemães e defensores do clero romano. Aproveitando-se do conflito, apareciam dez antipapas durante um século.

A fim de evitar a recaída em semelhantes desastres e reafirmar que a Igreja está no mundo sem ser do mundo, Nicolau II promulgou um decreto a 13 de abril de 1059 sobre a eleição do Papa.⁴ Ainda que o imperador fosse sagrado pelo Papa, não poderia nomear o Romano Pontífice.

Tudo parecia resolvido. Mas o homem é de barro.

Três Papas e uma Igreja?

Os distúrbios que se seguiram à morte de Gregório XI em 1378 eram os primeiros sintomas da grave enfermidade que infectara o Papado naquela Idade Média decadente. Após setenta anos de Pontífices exilados em Avignon, o mundo dividia-se entre aqueles que aspiravam à solução romana e os que ansiavam um sucessor francês.

O eleito, no entanto, foi um italiano, Urbano VI, cuja postura exagerada não tardou a servir de pretexto para que se elegeisse um outro Cardeal, o espanhol Pedro de Luna, que tomou o nome de Bento XIII.

Dois eleitos... Quem era o Papa? Para soltar o nó necessitava-se da renúncia voluntária de ambos. Mas nenhum pretendia deixar sua posição. Tentaram resolver o caso em Pisa, onde,

em 1409, um concílio ilegítimo elegeu Alexandre V como Papa. Desatando, amarrou-se mais a situação: em lugar de dois, havia três pretensos pontífices.

Procurando uma derradeira solução, um concílio foi convocado em Constança. O antipapa de Pisa foi destituído. O verdadeiro Pontífice renunciou ao Papado. E Bento XIII, eternamente obstinado, seria deposto. Em novembro de 1417, o novo Papa foi eleito: Martinho V.

O que nos ensinaram os antipapas?

O mal dos antipapas parecia ferido de morte. De fato, Félix V, que parece ter sido o último desses impostores registrados pela História, reconciliou-se em 1449 com a Igreja. Mas seria mesmo o último antipapa? Só o saberemos no fim do mundo...

Mesmo que mãos inimigas pareçam roubar o leme da Barca de Pedro, o mal perecerá e a Igreja continuará sulcando o mar dos séculos

A tiara pontifícia sempre será cobijada pela ambição dos homens, sedenta de todas as coroas, de qualquer espécie que sejam. Mas também os poderes demoníacos, auxiliados por seus sequeiros terrenos, sempre procurarão tomar para si as chaves de Pedro, aquelas chaves que podem abrir o Céu e trancar os abismos eternos. Seria seu maior triunfo... se não houvesse a promessa divina de que a Igreja prevalecerá sobre as portas do inferno (cf. Mt 16, 18-19).

Os mais de quarenta antipapas que surgiram ao longo desses dois mil anos de Cristianismo – e todos os outros que ainda eventualmente pretendam usurpar a Santa Sé – nos deixaram ou deixarão, ao menos, um ensinamento edificante: mesmo que mãos inimigas pareçam roubar o leme da Barca imortal de Pedro, as fauces do inferno não a deglutirão. O impostor morrerá, e a Igreja continuará sulcando o mar dos séculos. ✠

¹ Cf. PAREDES, Javier (Dir.). *Diccionario de los Papas y concilios*. Barcelona: Ariel, 1998, p.21.

² Cf. Idem, p.36.

³ Cf. Idem, p.153.

⁴ Cf. DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993, p.198.



Da esquerda para a direita: antipapas Alexandre V, Félix V e Bento XIII



Por que um?

A simples contemplação da obra da criação proporciona ao homem um prodigioso caleidoscópio das perfeições divinas. A título exemplificativo, consideremos o movimento migratório dos gansos-canadenses. Quem não se terá maravilhado com a sabedoria neles manifestada? Cruzam milhares de quilômetros voando sempre unidos, numa impecável formação em “V”, de modo a todos se beneficiarem do deslocamento de ar provocado por aquele que lidera a expedição! A este, porém, cabe não só o grande esforço de enfrentar a massa de ar abrindo caminho aos que lhe seguem, como também orientar e “confirmar” os seus “irmãos” na consecução do objetivo comum.

Deus, que assim ordenou a existência dessas singelas aves, não terá realizado algo ainda mais belo na obra-prima do universo, a Santa Igreja Católica? É o que passaremos a considerar, através dos olhos do Doutor Angélico (cf. *Suma contra gentes*. L.IV, c.76).

É notório que o Divino Redentor estruturou a Igreja de forma hierárquica: uns são pastores, outros ovelhas; há aqueles cuja missão consiste em ensinar, guiar e santificar, e outros chamados a serem ensinados, guiados e santificados. Contudo, em face da sempre crescente multiplicação dos pastores dispersos pelas vastidões da Terra, a coesão do Corpo Místico de Cristo se veria seriamente abalada sem uma fundamental unidade, isto é, a da fé.

Como, então, conservar essa imprescindível unidade em meio à diversidade dos povos e culturas, aos entrecosques de civilizações, às oscilações dos ânimos, sem excluir ainda deste panorama o fator deletério dos séculos, que se sucedem inexoravelmente até a consumação da História? Só uma inteligência divina seria capaz de resolver tal problema, insolúvel para a pobre mente humana...

Essa unidade da fé, explica São Tomás, exige que a Igreja tenha um chefe único e universal. Por isso, Cristo dirá

três vezes a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 15-17). E ainda: “Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, por tua vez, confirma os teus irmãos” (Lc 22, 32). Jesus indicava assim ao primeiro Papa sua missão, garantindo-lhe uma assistência especial da Providência.

A dignidade e a unicidade da missão de Pedro são, pois, incomensuráveis! Para enfatizá-las, o Aquinate recorre a um argumento de natureza escatológica: a Igreja Militante é um prolongamento da Igreja Triunfante, a qual constitui um só rebanho no Céu, sob a liderança de um só Chefe, que é o próprio Deus. De igual modo a Igreja Militante, como prolongamento e reflexo da gloriosa, necessita ela também estar sob a liderança de um só pastor, o Sumo Pontífice. Desse modo, Pedro assume na terra o posto de lugar-tenente do Padre Eterno no Céu!

A tudo o que acabamos de expor, poder-se-ia objetar que essa estrutura hierárquica, ancorada na pessoa de Pedro, se restringiria exclusivamente ao núcleo inicial dos discípulos de Cristo. Ora, responde São Tomás, o Salvador instituiu a sua Igreja para que atravessasse os séculos, como o meio pelo qual Ele cumprirá a promessa: “Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28, 20). Torna-se, pois, necessário que a potestade por Ele conferida aos Apóstolos, particularmente a Pedro, seja transferida aos seus sucessores até a consumação dos tempos. ✠



A Igreja Militante, como prolongamento da gloriosa, necessita estar sob a liderança de um só pastor: o Sumo Pontífice

Jesus encarrega São Pedro do rebanho - Igreja de São Clemente, Nantes (França)



Eixo da História

Para Dr. Plínio, a infalibilidade pontifícia passou a ser a razão de sua alegria e de seu encanto. Era a alegria da pessoa fiel que encontrava em quem depositar a sua fidelidade, e sem a qual seria irremediavelmente triste, por não ter quem guiasse os seus passos.

✎ **Plínio Corrêa de Oliveira**

Em certa ocasião, remexendo no fundo de uma gaveta de minha avó,¹ descobri em meio a um maço de papéis velhos algo que eu nunca tinha visto: uma fotografia comprida, a qual representava um cortejo papal. Isso fazia parte de uma série de cartões postais, formando um *dépliant* todo estampado em cores, no qual se via a Basílica de São Pedro desde a entrada até o fundo, as colunas de Bernini² em torno do altar e o trono do Papa.

Na fotografia do cortejo apareciam, ponto por ponto, os Cardeais, os vários dignitários e a Guarda Suíça, numa cerimônia realizada no Vaticano. E, por algumas daquelas altas janelas da Basílica de São Pedro, entravam facho de luz que iluminavam trechos do cortejo. No fim vinha o Papa, sendo carregado na sede gestatória.

Eram certamente lembranças trazidas da Europa, na viagem que meus parentes e eu tínhamos feito em 1912. Aqueles postais ficaram guardados sem que nunca ninguém os revisse, para as crianças os olharem em certo momento. Lembro-me que eu me encantei, me extasiei com o que via! Foi uma verdadeira vibração!

Conferindo aquelas exterioridades com o que eu já sabia de catecismo e de História Sagrada, pensava: “Como isso está direito! Muito mais: é sublime! E, mais do que sublime, é sublimíssimo!

Não encontro uma palavra que traduza o que penso sobre isso!”

Essa é a mais antiga recordação que possuo de mim mesmo contemplando o Papado.

Um menino de gostos definidos

Assim, a minha mentalidade me preparava para a aceitação entusiástica de uma das verdades que a Igreja ensina, a qual me tocou mais do que tudo: a doutrina da infalibilidade papal.

Como se formou em mim essa mentalidade? A partir de um traço nativo: a

definição. Intelectivamente falando, e em relação a qualquer coisa, os meus gostos na primeira infância eram sempre decididos. Inclusive surpreendia-me ver que muitas outras crianças hesitavam, em diversas ocasiões, e não chegava a compreender que elas ainda estavam se definindo, enquanto eu já tinha nascido definido, como uma moeda cunhada.

Por exemplo, na hora de sair para comprar um brinquedo, lembro-me que eu já sabia em casa, *a priori*, o que iria escolher. Chegando à loja, fazia uma pequena procura e dizia ao caixeiro:



Reprodução

“A minha mentalidade me preparava para a aceitação entusiástica de uma das verdades que a Igreja ensina: a doutrina da infalibilidade papal”

Chegada de Pio IX na abertura do Concílio Vaticano I

— Quero isto!

Aquilo estava comprado. As outras crianças percorriam a loja inteira, borboleteavam, hesitavam e, às vezes, um menino ou uma menina me chamava e dizia:

— Plínio, venha ver!

Eu os via agitados ou nervosos, e fazia a reflexão: “Eles não percebem que perdem tempo, com todo esse trabalho para escolher? Eu já escolhi de antemão e estou servido”.

Reflexão sobre a diversidade de opinião entre as pessoas

À medida que ia crescendo, começava a perceber que essa indefinição se fazia sentir em mil pequenas e miúdas circunstâncias da vida, e não se dava apenas a respeito de escolhas, mas também de opiniões.

Também notava que as pessoas mais velhas que me rodeavam – e que eu respeitava profundamente – estavam em discrepância sobre inúmeras opiniões. Cada uma delas pensava de um modo e nunca se punham de acordo por inteiro. Assim, eu ouvia em torno de mim muitas discussões e notava desacordo sem fim, a respeito de inúmeros assuntos... E pensava: “Aqui estão pessoas razoavelmente inteligentes e instruídas, que discordam umas das outras em quase tudo. Ora, onde há muito desacordo, uma das partes está errada. Logo, se um dos lados sempre está errado, havendo muitas teses opostas, deve haver muitos erros; e, se há muitos erros, existem numerosas pessoas muito erradas! Vejo que o erro está na natureza delas! Onde vai parar isso? E, se todo o mundo erra, do que adianta raciocinar?”

Ao fazer essas considerações, tinha a ideia de um caos e sentia uma tremenda insegurança, tomado pela impressão de que, no fundo, não valia a pena pensar pois, se em cada dez ideias que eu tivesse, pelo menos uma estava equivocada, a minha situação seria como a de alguém que estivesse caminhando e, a cada dez passos, caísse uma vez no chão. “Então – per-



Arquivo Revista

Se todos os homens são passíveis de erro, qual é a bússola que dá orientação ao mundo? A solução seria que existisse alguém a quem todos deveriam se conformar

Dr. Plínio no ano de 1989

guntava-me – vale a pena andar? Para quê? Para me escangalhar na estrada?”

E pensava: “Não sei que espécie de confiança poderei ter em mim mesmo e no meu próprio raciocínio, quando for homem adulto. Já sei de antemão e estou percebendo que, em vários pontos, vou errar. Onde isso pode me levar? Por outro lado, qual solução pode ser dada aos problemas do mundo, se todas as pessoas erram? Este é um mundo de loucos?”

À procura de uma pessoa sem falha

E continuava: “Não pode ser, pois vejo que nele existe uma coisa não louca: a Igreja Católica Apostólica Romana. Mas será verdade que a Igreja não erra? Ela é feita de homens! Os padres são como as outras pessoas, filhos de pais que erram ou erraram! Filho de peixe sabe nadar, e filho de gente que errou, também erra! Então, qual é a bússola que dá uma orientação ao mundo? A única solução seria que existisse alguém com o poder de mandar em todos os

outros, os quais deveriam se conformar a essa pessoa. Entretanto, não poderia ser, por exemplo, um homem como eu, pois vejo que não tenho altura, estofo nem valor para fazer de minha personalidade a norma dos outros. Não adianta! Se esse homem for como eu, também acabará errando e será um cego guiando outros cegos. Tudo não passará de uma imensa cegueira? Como escolher esse homem, então? Não sei, não sei... Ah! Se pudesse me apoiar em um homem que não errasse!”

Tinha o desejo de que houvesse alguém para eu contemplar, uma pessoa cuja elevação estivesse acima de todas as alturas. Sabia que Deus, no mais alto dos Céus, é exatamente isso, assim como Nossa Senhora, na ordem das meras criaturas. Mas, para que a ordem da terra imitasse a do Céu, seria preciso que nela também houvesse alguém à maneira d’Eles.

Entretanto, isso não era em mim um raciocínio tão explícito nem uma procura tão consciente quanto estou dizendo. Tratava-se de impressões, sobrevividas



ao longo de mil episódios da vida cotidiana, as quais sempre voltavam ao meu espírito e iam formando algo à semelhança de uma estalactite e uma estalagmite. A primeira era feita dos acontecimentos próximos que vinham “gotejando”, enquanto a segunda era constituída pela memória remota de fatos passados. E essas impressões, fixando-se no meu espírito, sempre me conduziam à mesma conclusão, ainda implícita.

Explicação sobre a infalibilidade pontifícia

Mais tarde, quando eu já estava chegando à adolescência, apareceu a solução do problema.

Creio que tinha ouvido falar sobre a infalibilidade papal pela primeira vez nas aulas de catecismo, por ocasião da preparação para a minha Primeira Comunhão, mas eu era muito menino e não instalei esse assunto na perspectiva dos problemas em que estava envolvido. Portanto, não tive então uma noção clara sobre o tema.

Porém, sendo aluno do Colégio São Luís³ e recebendo aulas metódicas de Religião, um belo dia alguém – não me lembro quem – explicou, perto de mim, que o Papa é infalível. É preciso dizer que os jesuítas falavam muito do Papa e da devoção que se deve ter a ele.

Conheci então a doutrina católica sobre a infalibilidade: disseram-me que o Papa ensina a verdade e não erra, pois fala em nome de Jesus Cristo, e Deus o assiste em virtude de uma promessa feita pelo próprio Nosso Senhor em circunstâncias admiráveis, no momento majestoso entre todos em que Ele instituiu o Papado. Assim, sempre que o Papa fala, invocando o poder de infalibilidade e declarando que faz uso dela, daqueles lábios abençoados só pode sair a verdade.

Portanto, entendi que, se eu pensasse algo e o Papa ensinasse o contrário, era ele quem tinha razão e não eu.

Um dos maiores encantos da vida

Lembro-me que pensei comigo: “Aí está! É a fórmula, a solução! Como isso é direito! Como deve ser assim!”

Não consigo exprimir a consonância completa que senti com essa doutrina, nem se pode ter ideia do que foi o bem-estar de minha alma. Aquilo foi para mim um enlevo, um voo! Algo em meu interior começou a “tocar sinos”, causando-me um entusiasmo enorme, extraordinário, incalculável, além de todo limite. Era uma maravilha! Foi um brado de minha alma, que ninguém pode imaginar! A alegria de Colombo, ao descobrir a América, é zero perto da que eu senti quando descobri o dogma

em mim e me servia de proteção contra as minhas loucuras. Tive um enorme alívio e ao mesmo tempo senti-me livre, pensando: “Sei que sou uma criatura humana e sinto a minha própria falibilidade. Posso cair em erro e, só com minha inteligência, não consigo encontrar o meu caminho. Mas esse caminho me é indicado por um guia infalível, apoiado por Deus, e diante de quem eu posso me colocar na posição de discípulo e de súdito! Sinto-me como um homem que estava andando no meio de penhascos, com medo de cair e, de repente, alguém lhe disse: ‘Perceba bem: existe o corrimão!’ Agora estou à vontade e vou olhar o panorama. Chegou minha vez de respirar!”

A pedra no anel e a águia na montanha

Nessa ocasião, eu já tinha vencido a batalha da moleza e realizava meu programa, que era o de ser inocente como Jacó e duro como Esaú (cf. Gn 25, 27). E um dos resultados dessa descoberta da infalibilidade foi que a minha natural definição, baseada no bom senso e no raciocínio, se mantinha agora sustentada por um muro de arrimo. Mas percebo que, se antes Nossa Senhora não me houvesse ajudado a resolver ser puro e forte, e se eu não tivesse ódio ao caos revolucionário que predominava em tantos ambientes, essa definição se teria diluído.

Desse modo, por caminhos interiores da natureza e da graça – desses que a Providência prepara para cada pessoa – foi-se definindo em mim um estado de alma que me dispunha a receber essa doutrina. Assim como um anel pode ser montado para nele ser posta uma pedra preciosa, a minha mentalidade estava preparada para receber a pedra das pedras, de valor inestimável: a doutrina da infalibilidade papal.

O conhecimento desse dogma pousava sobre toda uma construção psico-



“O conhecimento desse dogma pousava sobre toda uma construção psicológica anterior, como uma águia poderia pousar no alto de uma montanha”

da infalibilidade. Senti-me interiormente iluminado por essa alegria, que marcou época na minha história.

Mas por que razão a minha alma se alegrou de tal maneira, ao saber que Nosso Senhor Jesus Cristo deu à Igreja o carisma da infalibilidade?

Porque entendi que o caminho da verdade era-me acessível, uma vez que existia uma autoridade, a qual mandava

lógica anterior, como uma águia poderia pousar no alto de uma montanha.

A peça-chave de toda ordem humana

A partir desse momento, a doutrina da infalibilidade passou a ser a razão da minha alegria e de meu encanto. Era a alegria da pessoa fiel que encontrava em quem depositar a sua fidelidade, e sem a qual eu acabaria sendo um homem irremediavelmente triste, por não ter quem guiasse os meus passos.

Por outro lado, essa doutrina se tornou a grande defesa da minha mentalidade e a fechadura pela qual se abriam para mim todos os tesouros. E chegava à seguinte conclusão: “Ainda que eu não fosse católico, mas soubesse que existe uma religião, a qual sustenta que seu chefe é infalível, só por isso eu acharia ser essa a Igreja verdadeira, a Religião de Deus!”

Entendia que Deus, a criar uma Igreja verdadeira, tinha de fazê-la infalível, e que a peça-chave de toda a ordem humana, assim como a linha reta para chegar ao Céu, estava no Papado, pois, sem ele, a terra seria uma loucura, um antro de confusão e de horror. Como evitar o caos no mundo, se ele se estabelece nas ideias? E como não haver caos nas ideias, se não existir um governo para elas? E como é possível um governo para as ideias, se este não tiver garantias divinas de infalibilidade? Necessariamente, Deus tinha de fazer alguém infalível! O Papa é, portanto, o eixo da História do mundo.

Foi então que comecei a prestar mais atenção nas cerimônias religiosas, nos gestos e nas atitudes. Compreendia melhor que o padre era um representante do Papa, o que, para mim, tinha um significado extraordinário! Também fui entendendo de modo mais claro os lineamentos, a hierarquia e a organização da Igreja Católica.

No fundo, era Nossa Senhora que ajudava um menino – como a todo católico – a ter entusiasmo, veneração,



Reprodução

Deus, a criar uma Igreja verdadeira, tinha de fazê-la infalível, e a peça-chave de toda a ordem humana, assim como a linha reta para chegar ao Céu, estava no Papado

Proclamação do dogma da Assunção de Maria, em 1º de novembro de 1950

carinho e obediência em relação à autoridade suprema da Santa Igreja, assim como a cada autoridade legítima e católica, por ser como uma vergôntea, um ramo da árvore da Igreja, que prolonga o tronco sem romper com ele.

“O fundamento da minha firmeza”

Graças a Deus, sou um homem que possui muita convicção e segurança no que pensa, mas, na realidade, isso é assim porque eu creio na infalibilidade papal, fundamento de minha firmeza. Sem essa crença, as minhas certezas e o meu bom senso amoleceriam, e eu seria menos do que nada!

Até a idade em que estou,⁴ em tudo quanto afirmo a minha preocupação essencial é: “O que pensará a Santa Sé? Existem documentos dos Papas confirmando isto ou aquilo?” E sei que, se me apoiar na doutrina infalível dos representantes de Cristo na terra, posso avançar sem perigo, porque não errarei!

E se o Papa, usando do poder das chaves, afirmasse ser verdade aquilo que pareceria contrário às minhas convicções mais evidentes, eu me levantaria e aplaudiria prolongadamente.

Quando chegar o momento de minha morte, quero estar persuadido disso, mais do que nunca em minha vida.

Ao pronunciar a palavra augusta “o Papa”, parece-me ouvir, do fundo dos séculos, a voz divina de Nosso Senhor Jesus Cristo proclamando: “Pedro, tu és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. E as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (cf. Mt 16, 18).

Não há nada que valha tanto no mundo, quanto o homem a quem Deus fez essa promessa. ✠

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Notas Autobiográficas*.
São Paulo: Retornarei,
2012, v.III, p.237-248

¹ Da. Gabriela Ribeiro dos Santos, avó materna de Dr. Plínio.

² Dr. Plínio se refere ao baldaquino sobre o Altar da Confissão, obra de Gian Lorenzo Bernini, arquiteto e escultor italiano.

³ Colégio dos padres jesuítas, aberto em São Paulo no ano de 1918 e localizado na Avenida Paulista.

⁴ A presente anotação é de agosto de 1994. Dr. Plínio contava então oitenta e cinco anos de idade.

O Papado em face da Revolução

✠ Gabriel Marques dos Santos



Arquivo Revista

Imagem de São Pedro e retratos dos Papas na Basílica de São Paulo Extra-Muros, Roma

A instituição do Papado é, por natureza, o que há de mais contrário ao espírito revolucionário. Não é, pois, de se espantar que tantas vezes ao longo da História as forças do mal tenham-se lançado com odiento furor contra o Doce Cristo na terra.

Essencialmente igualitária e sensual, a Revolução se insurge ao longo dos séculos contra toda a forma de verdade, de beleza e de bem. Seu fim último, fadado a um inevitável fracasso, é destronar o próprio Deus.

Por outro lado, a Santa Igreja Católica tem por missão perpetuar a ação de presença do Divino Mestre junto aos homens, conduzindo-os ao porto seguro da salvação eterna e promovendo, sempre, a maior glória do Criador.

Por isso mesmo, “o grande alvo da Revolução é, pois, a Igreja, Corpo Místico de Cristo, Mestra infalível da verdade, tutora da lei natural e, assim, fundamento último da própria ordem temporal”.¹

A Contra-Revolução é filha da Igreja

Contudo, embora o caráter militante contra toda forma de mal seja indissociável da Nau de Pedro, a luta contra-revolucionária constitui apenas um episódio restrito de sua bimilenar história. Tão restrito quanto o é, do ponto de vista cronológico, o próprio “drama da apostasia do Ocidente cristão”,² que constitui a Revolução.

A Contra-Revolução é, pois, filha da Igreja e não vive senão para servi-la, como o corpo à alma. Serviço importantíssimo, tanto mais quanto ela busca a remoção do principal obstáculo à finalidade do Corpo Místico de Cristo: “Se a Revolução existe, se ela é o que é, está na missão da Igreja,

é do interesse da salvação das almas, é capital para a maior glória de Deus que a Revolução seja esmagada”.³

Instituição contra-revolucionária por excelência

Nesse sentido, o que se afirma da Esposa de Cristo deve-se dizer, *a fortiori*, de seu Vigário, o Sumo Pontífice. A própria instituição do Papado é, por natureza, o que há de mais contrário ao espírito revolucionário: nada mais anti-igualitário do que a simples existência de um homem infalível em matéria de fé e moral, ao qual todos devem submeter-se.

Não é, pois, de se espantar que tantas vezes ao longo da História as forças do mal tenham-se lançado com odiento furor contra o Doce Cristo na terra.

Lembremo-nos, à guisa de exemplo, do infame atentado de Anagni, a 7 de setembro de 1303. Na ocasião emissários do rei da França, Filipe, o Belo, tentaram aprisionar e depor o Santo Padre, Bonifácio VIII. Há quem afirme⁴ que um deles chegou mesmo a esbofetear a face do Pontífice! Este teria então respondido simplesmente: “Eis o meu pescoço, eis a minha cabeça...”⁵

Felizmente o intento não foi bem-sucedido, graças à intervenção da população local, que expulsou os agressores. Contudo, a já debilitada saúde do Papa resultou em extremo abalada: ele morreria cerca de um mês depois, em Roma, no dia 11 de outubro daquele mesmo ano.



Nem sempre, porém, a atitude do Vigário de Cristo foi de mera passividade.

Luminosos exemplos

No ano de 1077 a intransigência de São Gregório VII na defesa dos direitos da Santa Igreja, por exemplo, foi responsável por um dos mais gloriosos episódios da história do Papado. Como o imperador alemão, Henrique IV, se mostrasse inflexível na questão das investidas, chegando ao absurdo de proclamar inutilmente a deposição do Papa, este reagiu a tal revolta excomungando o monarca e dispensando todos os seus vassallos do juramento de fidelidade. Em pouco tempo, o rei excomungado estaria às portas da fortaleza de Canossa – descalço, em trajes penitenciais e sob neve intensa – implorando o perdão do santo Pontífice, que lá se encontrava.

Avançando até o século XVI, depa-ramo-nos com a eminente figura de São Pio V. Enquanto ele combatia a Revolução no campo eclesiástico, aplicando zelosamente as reformas do Concílio de Trento, não descuidava dos perigos externos. Diante da calamitosa ameaça maometana que se levantava do Oriente, conclamou os príncipes cristãos a constituírem uma Liga Santa em defesa da Cristandade. Essa iniciativa, de todo providencial, culminaria na miraculosa vitória naval de Lepanto, em 1571.

O século XX, por sua vez, nos traz a memória da meticulosa e infatigável reação de São Pio X contra o modernismo. Qual zeloso pastor que nota os lobos avançarem sobre o rebanho, ele

saiu ao encontro do inimigo armado com o cajado da autoridade pontifícia: suas corajosas encíclicas – sobretudo a *Pascendi Dominici gregis* –, suas admoestações públicas e privadas, e seu exemplo de vida barraram o caminho à funesta heresia.

Dolorosas incógnitas

Entretanto, o estudo da História Eclesiástica nos fornece também outras recordações, próprias a causar perplexidade.

As novidades renascentistas dos séculos XIV e XV teriam logrado paganizar a Cristandade se não fosse o olhar indiferente, quando não aprovador, dos Romanos Pontífices? A pseudorreforma luterana de 1517 teria conseguido arrastar milhares de almas a uma trágica ruptura com a Santa Igreja se houvesse encontrado no Papa mecenas Leão X⁶ a sagacidade de um São Pio X ou o zelo pela fé de um São Pio V?

E que dizer da tão injustamente celebrada Revolução Francesa? Que seria dela se, em vez da semicondenação tímida e silenciosa de Pio VI,⁷ tivesse de enfrentar a franqueza apostólica de um São Gregório VII ou a intrepidez de um Bem-Aventurado Urbano II, o Papa das Cruzadas?

Certamente o Juízo Final responderá a essas e a muitas outras perguntas semelhantes.

O poder das chaves: penhor de vitória

De qualquer modo – hoje, como sempre –, podemos afirmar com Dr. Plínio:

“O Papado possui recursos extraordinários para se impor. Desde que aqueles que tenham nas mãos esses recursos se utilizem deles, o Papado goza de possibilidades de ação, ainda em nossa época, completamente insuspeitáveis, completamente inimagináveis”⁸.

Quais sejam esses recursos, Nosso Senhor o declara: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus” (Mt 16, 19).

Com tais palavras o próprio Deus – permanecendo sempre soberano e onipotente – confiou a São Pedro e a seus legítimos sucessores não apenas o poder de influência sobre a sociedade temporal, tão bem simbolizado na chave de prata que integra as insígnias pontificias, mas sobretudo a áurea custódia da “serena, nobre e eficientíssima força propulsora da Contra-Revolução”:⁹ a graça.

Assim, o dinamismo da Contra-Revolução revela-se, no poder pontifício, infinitamente superior às potências revolucionárias: “Tudo posso n’Aquele que me conforta” (Fl 4, 13).

Temos, portanto, esta certeza: o Sucessor de Pedro, mesmo só, possui em suas mãos o poder de arruinar a obra destrutiva da Revolução. Chegará o dia em que o Papa, como outrora o Príncipe dos Apóstolos a Tabita (cf. At 9, 40), haverá de imperar à Cristandade: “Levanta-te!” E ela ressurgirá. ✚

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revolução*. 9.ed. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2024, p.207.

² Idem, *ibidem*.

³ Idem, p.209.

⁴ Cf. LLORCA, Bernardino. *Manual de Historia Eclesiástica*. 3.ed. Barcelona: Labor, 1951, p.319.

⁵ DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993, p.638.

⁶ Cf. DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja da Renascença e da reforma. A reforma protestante*. São Paulo: Quadrante, 1996, v.I, p.241.

⁷ Cf. DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja das revoluções*. São Paulo: Quadrante, 2003, p.23-24.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 6/8/1973.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, *Revolução e Contra-Revolução*, op. cit., p.187.

A defesa dos Mendicantes

Perseguidos, caluniados, injustamente punidos...
Mas os frades tinham a seu favor um elemento decisivo: a onipotência da verdade.

✎ Ir. Marcela Alejandra Beorlegui Vicente



As instituições da Igreja nascem de modo orgânico, sem planejamentos prévios. Trata-se de um “método” habitual do Espírito Santo: abarcar os problemas do momento, resolvendo as dificuldades à medida que elas aparecem. Nesse ritmo os séculos viram surgir o complexo edifício da hierarquia eclesiástica, as normas da vida consagrada, as diversas Ordens Religiosas e até a regulamentação da vida intelectual.

Contudo, esse desenvolvimento não ocorreu sem percalços. Um episódio controverso, que tentou macular o organismo indivisível da Santa Igreja, ajudar-nos-á a compreender quão árduo pode ser, às vezes, o desabrochar de um novo carisma no seio desta instituição sagrada.¹

Da Igreja, nascem as universidades

Ao longo do século XIII, diversos acontecimentos desafiaram os católicos europeus: ora as tensas relações entre o Papado e o Sacro Império geravam conflitos, ora o empreendimento das Cruzadas exigia dirimir contendas para unir esforços, ora as heresias dividiam a Cristandade. Singrando esse mar encapelado, soube a Santa Igreja guiar, governar e santificar os seus filhos, acompanhando a mudança dos tempos.

Quiçá o campo intelectual seja o modelo mais paradigmático dessa evolução. Após as invasões bárbaras, o estudo refugiou-se nas igrejas, onde ori-

ginaram-se as escolas palatinas, monásticas e episcopais. Mas a formação do homem culto, de acordo com os padrões vigentes em meados do século XIII, tornou necessário ajustar o *modus faciendi* do ensino próprio ao período anterior, em que o surgimento das escolas catedrálcias tornou o estudo acessível a todas as classes sociais e foi o esteio para a formação de novos centros de cultura. Nasceram então as universidades.

Ordens Mendicantes, nova fonte de graças para o mundo

Em fins do século XII, no reino cristianíssimo da França, tomava sua silhueta definitiva a Universidade de Paris. Não tardou para que esta adquirisse grande prestígio ante o Estado e a Igreja. O Rei Filipe Augusto concedeu-lhe o privilégio da imunidade e do foro eclesiástico; Gregório IX legitimou-a como instituição eclesiástica internacional dependente apenas de Roma e, mediante a Bula *Parens scientiarum*, concedeu aos professores o direito de declarar greve para defender seus interesses. De renomada autoridade teológica, a universidade poder-se-ia considerar a terceira potência da Cristandade, ao lado do Papado e do império.

Ora, os medievais viram florescer na Europa muito mais do que a vida intelectual. O surgimento de Ordens Religiosas que mantiveram aceso o entusiasmo pela perfeição cristã foi também um estopim de promissoras mudanças.

Enquanto nos séculos anteriores predominara o monaquismo, nesta quadra histórica apareceram novos carismas, personificados por dois homens providenciais: Domingos de Gusmão e Francisco de Assis. Com eles, as Ordens Mendicantes apareceram no *cadre* medieval, em resposta às necessidades espirituais da época, tornando-se logo os porta-estandartes da reforma eclesiástica. Assim, o tipo humano do monge que vivia na solidão deu lugar ao do frade que, pelas aldeias e cidades, pregava, exortava e atraía as almas por seu exemplo.

Entra em cena o inimigo...

O fruto das fundações de São Domingos e São Francisco foi um clero livre de apegos, totalmente dedicado à Igreja. Este iluminou a Cristandade com seus escritos e ensinamentos, vivendo de esmolas, trabalhando pela *cura animarum* e constituindo uma espécie de “corpo de guarda” do Papado por sua plena submissão ao Romano Pontífice. Em seu zelo apostólico, os Mendicantes conquistaram a confiança do povo, a proteção das autoridades civis e o favor dos Papas, o que lhes valeu também uma perseguição em regra, resultado – como sói acontecer – da mais sórdida inveja.

Com efeito, os frades mendicantes, apesar de viverem em meio ao século, remavam sempre contra a corrente mundana, a favor da salvação das

almas; e foi na Universidade de Paris que o entrechoque entre estas duas mentalidades deu-se com maior veemência.

A admissão dos dominicanos e franciscanos nas cátedras da universidade parisiense gerou um violento conflito de interesses com os docentes do clero secular, que se viam em tudo ultrapassados pelos recém-chegados. Seguiu-se uma briga de duas décadas, com lamentáveis episódios de violência, ataques publicitários, calúnias e difamações até então sem precedentes na História da Igreja.

Perfídia disfarçada de “solicitude”

Os virulentos e tendenciosos ataques aos Mendicantes centraram-se em três aspectos. Primeiro, os seculares deixaram claro que a presença dos frades na universidade era indesejável por seu gênero de vida. Depois, visto que esta mera acusação não era satisfatória, questionaram a legitimidade de seu ministério. Por fim, discutiram o estado de perfeição para pastores e religiosos, bem como a admissão de vocações jovens.

Tanta animosidade dos seculares é francamente absurda para nós, quase mil anos depois desses acontecimentos. Afinal, qual era o problema de deixá-los lecionar, se a universidade deveria ser um centro de cultura para todos? Quicá a santidade de vida e a qualidade do ensino dos frades fossem um aguilhão constante na consciência dos professores seculares, que se viam preteridos na apreciação dos estudantes. Mas essa realidade que hoje vemos com clareza esteve, na época, disfarçada de “solicitude” pela Igreja e pelos interesses da universidade...

Para os mestres seculares, os Mendicantes eram personagens perigosos, pois desprezavam os estatutos universitários e suas reivindicações ao não participar das greves gerais. Pior ainda: sob o “disfarce” da mendicância, monopolizavam os estudantes — que não precisavam remunerá-los — e os influenciavam a ingressar em suas

próprias Ordens Religiosas, num ato de autêntico “proselitismo”.

Atitude ainda mais imperdoável por parte dos religiosos foi que obtiveram três cátedras durante uma greve prolongada por anos feita pelos seculares, durante a qual, bem entendido, os frades mendicantes, alheios às arruaças de estudantes bêbados e de seculares indulgentes, continuaram a lecionar. Neste período, os franciscanos também alcançaram a conversão do mestre Alexandre de Hales e seu ingresso na Ordem Seráfica.

Catalisador de todas as discórdias

Os mestres seculares depressa se empenharam em fazer com que seus inimigos perdessem a posição obtida. E o principal fator da perseguição contra os religiosos tinha nome e sobrenome. Tratava-se do cônego de Beauvais, Guilherme de Saint-Amour, que “não podia tolerar o avanço dessas Ordens gêmeas, que aos poucos estavam tomando conta das cátedras universitárias, antes patrimônio exclusivo do clero secular. Por escrito, no púlpito e na cátedra começou a impugnar os Mendicantes [...]. Atacava seus direitos e privilégios de pregar

e confessar, de enterrar em suas igrejas; sua isenção episcopal e paroquial, o ideal da pobreza em comum e até mesmo sua existência como institutos religiosos em si, ridicularizando-os impiedosamente”.²

Abusando de seu cargo de procurador da universidade, Guilherme diminuiu sem razão os direitos docentes dos Mendicantes e arrastou para a contenda grande parte do clero secular parisiense, fazendo crer que suas rendas econômicas estavam ameaçadas pelos indefesos frades.

A atitude dos seculares, liderados por Guilherme de Saint-Amour, era uma oposição à novidade e à vitalidade da Igreja, em nome de uma ordem que se considerava estável para sempre. Rejeitavam assim o sopro do Espírito Santo manifesto nos Mendicantes, com o pretexto de que o estilo de vida destes diferia das fórmulas antigas... Para eles, os frades eram intrusos que pretendiam laborar em campo alheio, como se o cuidado pastoral e a doutrinação dos fiéis não lhes coubessem também.

O objetivo final dos descontentes era nada menos que suprimir as Ordens Mendicantes ou, pelo menos, obstaculizar ao máximo seu apostolado. Ora,



Reprodução

Os frades mendicantes remavam sempre contra a corrente mundana a favor da salvação das almas; e foi na Universidade de Paris que o entrechoque entre duas mentalidades deu-se com maior veemência.

A Universidade de Paris na Idade Média



a despeito das constantes reclamações contra os frades e dos consequentes conflitos, a sentença da Igreja foi favorável aos religiosos, pois ao Papado interessava sua lealdade e a ortodoxa formação que ofereciam aos jovens na universidade.

Os seculares, obcecados, resolveram então lançar mão da criatividade: organizaram uma verdadeira campanha publicitária contra os Mendicantes, sem economizar gracejos, canções injuriosas, epigramas e panfletos difamatórios, obrigando os pobres frades a estarem muitas vezes escoltados pelos arqueiros do Rei Luís IX durante suas aulas, para protegerem-se de agressões. Também promoveram outras greves, incentivaram brigas, atribuíram escritos heréticos aos religiosos e tentaram prescrever novas leis estatutárias no intuito de excluí-los do ensino.

Tais caluniadores terminaram sempre derrotados pela integridade daqueles a quem perseguiam, até que, *hélas*, ousaram levar suas difamações ao Sumo Pontífice...

Os frades perdem suas prerrogativas

Entre 1254 e 1266, Guilherme de Saint-Amour encontrou, afinal, um bom pretexto para acusar seus adversários. A publicação do *Introductorius in evangelium aeternum*, um escrito entusiástico sobre as doutrinas heréticas de Joaquim de Fiore³ redigido pelo franciscano Gerardo di Borgo San Donnino, ofereceu suficientes argumentos ao cônego para que escrevesse o seu *Liber de antichristo et eius ministris*, no qual condenava energicamente os Mendicantes como hereges, pseudopregadores e falsos profetas.

As reclamações dos seculares ante o Romano Pontífice pela descoberta do desvio, supostamente participado por todos os Mendicantes – inclusive pelos dominicanos –, tiveram o eco esperado nos ouvidos do Papa, que

lamentavelmente eximiu-se de escutar “a outra parte”. Assim, em 21 de novembro de 1254, Inocêncio IV publicou a Bula *Etsi animarum*, que suprimia as prerrogativas dos Mendicantes em relação ao cuidado das almas, proibindo-os, entre outras coisas, de atender Confissões e de pregar, apesar de manter uma prudente reserva em relação às suas funções na universidade.

Inesperada mudança nos acontecimentos

Duas semanas depois, em 7 de dezembro, Inocêncio IV faleceu. Enquanto sua alma prestava contas a Deus, este fazia justiça na terra em favor dos frades, por meio de instrumentos humanos. Eleito novo pontífice, o Cardeal Reinaldo de’Conti di Segni, conhecido protetor da Ordem Franciscana e que tomou o nome de Alexandre IV, apressou-se em revogar as precipitadas decisões de seu predecessor. Em 22 de dezembro publicou a Bula *Nec insolitum*, que anulava a *Etsi*

animarum e concedia novos privilégios às Ordens Mendicantes.

É fácil imaginar a irritação de Saint-Amour diante do fracasso de seus planos... Mas ele não se deu por vencido. Em março publicou uma de suas obras mais famosas, o *Tractatus brevis de periculis novissimorum temporum*, utilizando-se de suas costumeiras táticas de difamação e sensacionalismo. Nela denunciava os “perigos dos últimos tempos” antes do Anticristo, os quais teriam começado com a fundação dos Mendicantes, que eram, na sua opinião, uma plêiade de falsos profetas a ameaçar a Igreja sob a aparência de ciência, piedade e renúncia ao mundo.

Os dominicanos e franciscanos tinham como missão atrair o mundo à prática das verdades evangélicas que viviam, e o objetivo do *De periculis* era aniquilar esta sua razão de ser. Saint-Amour pretendia induzir a sociedade à rejeição das Ordens Mendicantes, e afastá-las do ensino e das atividades pastorais, como a pregação e a administração dos Sacramentos, obrigando os frades a renunciar às esmolas – estilo de vida que, arbitrariamente, declarava contrário à Lei Divina –, e passar a trabalhar a terra, como as antigas Ordens Monásticas, o que significava, em uma palavra, mudar o seu carisma e sua forma jurídica...

Discernindo com grande acuidade essa pérfida intenção, o Papa Alexandre IV condenou o livro *De periculis* em 5 de outubro de 1256, com a Constituição *Romanus Pontifex de summi*. Pouco depois Guilherme foi destituído de sua cátedra.

Audaz e polêmica defesa dos Mendicantes

Em toda essa contenda, Saint-Amour e seus partidários tiveram de enfrentar dois grandes inimigos com os quais certamente não contavam.

As discussões na Universidade de Paris confrontaram os seculares com dois dos maiores Doutores da Igreja:



Reprodução

Os caluniadores terminaram sempre derrotados pela integridade daqueles que perseguiam

São Boaventura - Museu Wallraf-Richartz, Colônia (Alemanha)

o dominicano São Tomás de Aquino e seu companheiro de luta, o franciscano São Boaventura. Longe de assistir com estoica passividade à guerra de destruição contra suas Ordens, eles utilizaram as armas de que haviam sido dotados pelo Espírito Santo: a pregação, as letras, a oração e a arte da discussão. Por que o fizeram? O Doutor Angélico nos responde: “Os santos varões resistem aos seus detratores por amor à verdade”.⁴

Unidos em prol da mesma causa, dominicanos e franciscanos explicitaram de modo admirável diversos aspectos da vida consagrada, da evangelização e do cuidado das almas, elucidando-os como nunca antes.

São Boaventura, que exercia o cargo de mestre na Universidade de Paris, publicou no verão de 1256 um livro intitulado *De perfectione evangelica*, verdadeiro monumento doutrinário sobre as virtudes evangélicas – pobreza, castidade e obediência –, que constituem o núcleo central do estado religioso; posteriormente, também escreveu o *Apologia pauperum*, em resposta aos novos ataques contra a mendicância iniciados por Gerardo de Abbeville, cúmplice e continuador de Saint-Amour.

Por sua vez, São Tomás rebateu de modo contundente as acusações de Saint-Amour em seu livro *Contra impugnantes Dei cultum et religionem*, demonstrando com base nos Evangelhos como a vida religiosa pode combinar a oração, o estudo, o ensino e a pregação itinerante. Redigiu também, em defesa dos Mendicantes, outras obras de clareza imbatível: *De perfectione spiritualis vitae*, *De ingressu*



Ao calor da disputa, as Ordens Mendicantes explicitaram com brilho seu próprio chamado

São Tomás de Aquino, por
Fra Angélico - Museu Nacional do
Hermitage, São Petersburgo (Rússia)

puerorum – que justificava a admissão de vocações jovens – e *Contra doctrinam retrahentium a religione*.

Diante dessa resistência, o cônego de Beauvais tachou os frades mendicantes de revoltosos, desobedientes, soberbos inveterados... Parecia-lhe inadmissível que os perseguidos testemunhassem sua própria integridade, resistissem a seus detratores e se defendessem judicialmente para evitar o fechamento de suas Ordens. Contra todo bom senso, repetia com obstinação as mesmas calúnias, afirmando que os frades apenas fingiam vida virtuosa...

Enfim, resta-nos a pergunta: quem venceu essa contenda de titãs? A respos-

ta é simples. Basta lembrar que a Santa Igreja fez do tomismo o fundamento de sua própria Teologia, mas os nomes de Saint-Amour e seus asseclas, se passaram para a posteridade, não foi exatamente pela admiração que lhes devotaram os cristãos...

A verdade sempre triunfa

A História é uma grande mestra. Situações semelhantes às aqui narradas não foram raras na vida da Igreja. Na verdade, Deus as permitiu para a edificação de seu plano salvífico.

Com efeito, as heresias ocasionaram a explicitação das verdades da Fé, as invasões bárbaras incentivaram a evangelização dos povos, as perseguições solidificaram a obra do Espírito Santo. Tornaram-se assim paradigmas do quanto as circunstâncias adversas podem fazer florescer, como um lírio entre espinhos, a santidade do Corpo Místico de Cristo.

Parafraseando, pois, o Apóstolo São Paulo, ousamos afirmar ao termo destas linhas: *oportet controversiae esse* (cf. I Cor 11, 19); pois foi ao calor da disputa que as Ordens Mendicantes explicitaram com brilho seu próprio chamado e provaram aos séculos futuros que os novos carismas não surgem para destruir o tesouro da tradição eclesial, mas, pelo contrário, preservam-no com reverência, acrescentando à Igreja as luzes necessárias para seu crescimento em graça.

Nesse sentido, a vitória das Ordens Mendicantes não foi apenas de seus membros, mas da Santa Igreja e de toda a Cristandade! ✠

¹ O presente artigo é um apanhado, com adaptações, da tese de licenciatura canônica em Teologia (*summa cum laude*) da autora, pela Universidade Pontifícia Bolivariana, de Medellín (2025): *Modelo inspirador para*

los tiempos actuales: cómo las Órdenes Mendicantes armonizaron la “cura animarum” con la vía intelectual.

² APERRIBAY, OFM, Bernardo. Introducción general a cuestiones disputadas sobre la perfec-

ción evangélica en San Buenaventura. In: *Obras de San Buenaventura*. 2.ed. Madrid: BAC, 1949, v.VI, p.5.

³ Abade e filósofo místico italiano. Seu pensamento e suas obras deram origem a diversos

movimentos filosóficos milenaristas, muitas vezes condenados pela Igreja.

⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Contra impugnantes Dei cultum et religionem*. Pars IV, c.2, ad 5.



Mãe e Senhora do Papado

Mãe da Igreja, Maria possui um vínculo especialíssimo com o Papado e está sempre disposta a estreitá-lo, estendendo suas mãos maternais aos Pontífices que a Ela recorrem com confiança.



✠ Camila Carstens Castillo

Com quantos nomes a Santa Igreja filialmente intitulou o Santo Padre ao longo da História? Sumo Pontífice, Vigário de Cristo, Sucessor de Pedro... Todavia, uma das denominações mais belas e talvez a que melhor abarque tão alta missão é: o doce Cristo na terra. O que pode existir de mais excelso do que refletir em algo o próprio Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade Sacrossanta, o Verbo Encarnado?

O Papa está elevado à mais sublime dignidade possível nesta terra. Monarca da Igreja e das almas, é de certa forma o rei de todo o orbe. O que seria de nós, católicos, se não existisse um supremo hierarca no Corpo Místico de Cristo? Sustenta Dr. Plínio Corrêa de Oliveira' que a Igreja

se desfaria, pois tornar-se-ia um caos, um antro de confusão. E se isso ainda não aconteceu, é porque há um Sumo Pontífice!

O Papado foi instituído quando Nosso Senhor Jesus Cristo conferiu a São Pedro o poder das chaves, proferindo a sentença imortal: "Eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus" (Mt 16, 18-19).

No entanto, o exercício oficial dessa sagrada função não se deu imediatamente, porque Nosso Senhor continuava entre os homens e, portanto, não havia necessidade de ser representado.

Além disso, algumas atitudes do primeiro Pontífice, antes de ser santifica-

do pelo Espírito Santo, destoavam de sua alta missão como, por exemplo, a reprimenda aplicada por ele ao Salvador, após ouvir de seus divinos lábios o anúncio de sua Morte (cf. Mt 16, 21-22), e as três negações na hora suprema da Paixão (cf. Jo 18, 17-27).

Como e quando, então, São Pedro passou a ser, com todas as prerrogativas, o Vigário de Jesus Cristo junto à Igreja nascente?

Pentecostes: santificação por meio de Maria

Após a Ascensão, os Apóstolos se reuniram com Nossa Senhora no Cenáculo e passaram dias em oração pois, privados da presença física de Nosso Senhor, o meio de se manterem firmes e perseverantes consistia, sobretudo, em estar unidos e com os corações elevados em ardorosas súplicas.

Quem poderia perscrutar o que se passava no Coração Imaculado de Maria? Mons. João, baseado nas reflexões de diversos Santos, acreditava que ao longo desses dias Nossa Senhora modelou em seu interior como deveria ser a Igreja, desde seus aspectos gerais até os detalhes mais concretos, tais

Privados da presença física de Jesus, os Apóstolos se reuniram em torno de Nossa Senhora para se manterem perseverantes

Pentecostes, por Giovanni Baronzio - Palácio Barberini, Roma



como “as variadas vias de santidade, a beleza da Liturgia, a riqueza de carismas das Ordens Religiosas”.² Ademais, Ela certamente discernia a missão de cada Apóstolo e rogava a Deus que os mantivesse fiéis, predispondo suas almas, sem que se dessem conta, para a descida do Divino Espírito Santo.³

Pervadida por essa maternal preocupação de rogar por cada um, o que terá se passado quando a Santíssima Virgem fitou aquele que havia recebido o poder de ligar a terra ao Céu? Como ninguém, Ela media a grandeza da missão do Papado e, em São Pedro, vislumbrou todos os esplendores dessa sagrada instituição até o fim do mundo, implorando a Deus por todos os Pontífices da História, para que fossem sempre imagem perfeita do Supremo Pastor.

É-nos permitido supor que, quando suas ardentes súplicas chegaram ao auge, “de repente veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados” (At 2, 2). Apareceram então como que línguas de fogo, as quais, pousando sobre Maria, d’Ela partiram para cada Apóstolo.

Deus, que é sumamente hierárquico, agiria contra Si mesmo se concedesse seus dons de maneira igual para todos. Fê-lo, pois, em graus diferentes, outorgando graças específicas e proporcionadas a cada alma. Bem se pode presumir que, depois de Nossa Senhora, a primeira alma a ser beneficiada pelas chamas do Paráclito foi a daquele que, excetuando Maria, estava mais próximo de Deus: São Pedro. Foi ele duplamente beneficiado, ao ser santificado pelo Espírito Santo em presença de Nossa Senhora.⁴

Por intermédio d’Ela foi o Chefe da Igreja dotado de um novo fervor, de redobrado zelo apostólico, de amor ao sacrifício e de carismas extraordinários. “A Luz que aterroriza os infernos, fortifica os sábios e confirma os justos fez resplandecer na alma



Em Pedro, Maria vislumbrou todos os esplendores do Papado, rogando a Deus por todos os Papas da História

Nossa Senhora e São Pedro, por Mestre de Vyšší Brod - Galeria Nacional de Praga

de Pedro o sinal da vitória prometida por Jesus: ‘Eu roguei por ti, para que tua confiança não desfaleça; e tu, por tua vez, confirma os teus irmãos’ (Lc 22, 32).⁵

Pode-se conjecturar, enfim, que naquele mesmo dia, além de receber o Fogo Divino, São Pedro compreendeu que tudo quanto lhe fora outorgado devia-se à intercessão de sua Senhora e, por isso, decidiu se entregar a Ela como escravo de amor.⁶

Consolidando sua união com a Mãe da Igreja

A partir desse acontecimento, parece razoável que se tenha formado entre a Mãe da Igreja e sua Pedra fundamental um vínculo inquebrantável, por meio do qual São Pedro se determinou a iniciar sua ação apostólica sob os auspícios d’Ela. Quando precisasse decidir algum assunto concernente ao rumo da Igreja, dirigir-se-ia imediatamente a Maria, que tudo solucionaria com extremos de maternalidade e clareza.⁷

Por sua vez, não há dúvida de que Nossa Senhora faria questão de São Pedro exercer o mando, com o fim de formá-lo na função de Sumo Pontífice.

Através desse imbricamento de almas entre ambos, a Rainha dos Céus não apenas o influenciava, mas guiava a Santa Igreja.

Devoção de Nossa Senhora ao Papado

A relação de Maria Santíssima com o Príncipe dos Apóstolos, entretanto, não pode ter-se limitado à simples proteção e amparo. Como se afirmava anteriormente, não existe na terra missão mais elevada que a de um Pontífice e, portanto, Ela não deixaria de tributar a São Pedro a extrema veneração que merecia.

Imaginemos, por exemplo, que São Mateus se apresentasse a Nossa Senhora pedindo orientações sobre como agir em relação a um grupo de pagãos que, embora ávidos por receberem instrução na Fé, estivessem sendo maliciosamente fisgados por alguns fariseus. Após ouvir todo o relato, Ela sem dúvida aconselharia o Apóstolo a expor a questão em primeiro lugar a Pedro, rogando-lhe que, enquanto chefe, indicasse o melhor modo de proceder.

Ainda que Ela fosse Mãe e Senhora do Pontífice, também atuava como sua mais humilde serva, a mais leal de suas súditas, plasmando nos anais da História o perfeito exemplo de submissão em relação ao Papado, que todos os fiéis deveriam imitar até a consumação dos séculos.

Um vínculo eterno

Ora, considerando as reflexões feitas até aqui, corre-se o risco de pensar que, apesar de muito bonitas, elas não passam de divagações; ou que essa sublime relação de Nossa Senhora com o Papado, ainda que tenha existido, restringiu-se aos primórdios da Igreja e apenas ao primeiro Vigário de Cristo. Que ilusão!

No convívio com aquele que possuía a chave do Reino dos Céus, a Santíssima Virgem não pensava apenas nele, mas em todos os que o sucederiam no governo da Igreja até o fim do



Marcelo Ferreira

Reprodução

Sob que escombros a Igreja estaria se tantos outros Papas não houvessem recorrido ao auxílio de Maria? Sendo as rochas sobre as quais está contruído o edifício de Cristo, só terão bom sucesso sob o patrocínio da Virgem Santíssima

Batalha de Lepanto, por Jan Peeters the Elder - Igreja de São Paulo, Antuérpia (Bélgica); em destaque, São Pio V reza a Nossa Senhora pela vitória das naus católicas - Basílica de Maria Auxiliadora, Turim (Itália)

mundo. Assunta aos Céus e coroada Rainha do universo, está sempre disposta a estreitar o vínculo que consolidou na terra com o Papado, estendendo suas mãos maternais a todos os Pontífices que a Ela recorrem e abrem-se à sua influência.

Maria possui íntima relação com todos os Papas porque é Mãe da Igreja.⁸ Para elucidar essa realidade, Dr. Plínio⁹ recorre a uma metáfora. Seria monstruoso imaginar uma mãe que se considerasse responsável apenas por parte do corpo de seu filho. Uma mãe vela pelo todo daquele que deu à luz, e pela cabeça com cuidado particular, porque desta depende a sanidade do corpo inteiro. Pois bem, como afirma o Apóstolo, Cristo “é a Cabeça do Corpo, da Igreja” (Col 1, 18) e, se o Papa é Cristo na terra, ele é também cabeça da Igreja, donde se conclui que Nossa Senhora o ampara e assiste de maneira especial, como uma mãe a seu filho.

O que seria da Igreja nascente se o primeiro Papa não tivesse procurado a direção e a ajuda de Maria em meio às adversidades? Sob que escombros jazeria a Esposa Mística de Cristo se São Pio V não houvesse recorrido com

confiança à Rainha das Vitórias, impedindo seu poderoso auxílio no combate contra os inimigos da Cristandade? Eles e muitos outros, como São Leão Magno, São Gregório VII, Beato Urbano II, Inocêncio XI e São Pio X, entenderam que, sendo as rochas sobre as quais estava construído o edifício de Cristo, só teriam bom sucesso sob o patrocínio da Virgem Santíssima.

Novos céus e nova terra

Ecoando a esperança dos Santos Apóstolos Pedro e João, todos nós “esperamos novos céus e uma nova terra, nos quais habitará a justiça” (II Pe 3, 13) e em que a nova Jerusalém descerá dos Céus, como Esposa enfeitada para o Esposo (cf. Ap 21, 1-3). Esta Esposa é imagem da Igreja santificada, ou seja, completamente configurada com a Santíssima Virgem; e os novos céus e terra são figuras do Reino de Cristo que se estabelecerá no mundo, como fruto magnífico do Preciosíssimo Sangue derramado por Ele na Cruz.

Contudo, para que ocorra essa configuração marial do Corpo Místico do Redentor, é preciso que ela se inicie pela Cabeça. Devem os Sucessores de

Pedro consumir-se de ardor na devoção a Ela e, tal como o primeiro Papa, fazer-se escravos de seu amor.

Quando houver, pois, um Pontífice que assim se entregue a Maria, de todo o coração, Ela Se deixará atrair à terra e estabelecerá finalmente, por ação do Espírito Santo, os “novos céus e nova terra” que tanto almejamos! ✠

¹ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 21/9/1991.

² Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.II, p.526.

³ Cf. SCHEEBEN, Matthias Joseph. *A Mãe do Senhor*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017, p.164.

⁴ Cf. SÃO FRANCISCO DE SALES. *Sermon pour la fête de Saint Pierre*. In: *Œuvres Complètes*. Annecy: J. Niérat, 1896, t.VII, p.37-38.

⁵ CLÁ DIAS, op. cit., p.503.

⁶ Cf. Idem, p.530.

⁷ Cf. Idem, p.530-532.

⁸ Cf. SCHEEBEN, op. cit., p.160.

⁹ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 1º/11/1966.

...por que o Papa escolhe um novo nome?

O homem recebe um nome ao nascer para o mundo pela natureza, ao nascer para a graça pelo Batismo, ao morrer para o mundo pelos votos religiosos, e ao morrer para si por força de uma vocação que o confisca por inteiro.

Abrão passou a chamar-se Abraão depois que Deus prometeu-lhe uma descendência inumerável (cf. Gn 17, 5). Jacó recebeu o título de Israel após lutar com o Anjo do Senhor (cf. Gn 32, 29). Simão foi nomeado Pedro por Jesus Cristo, que lhe assignou a missão de ser a pedra da Igreja, investindo-o como chefe do Colégio Apostólico (cf. Mt 16, 18).

Reprodução



Detalhe de “Cristo glorificado na corte dos Céus” (editado), por Fra Angélico - Florença (Itália)

Era o primeiro Papa, e o primeiro Papa que trocava de nome.

No entanto, somente cinco séculos depois haveria outro Pontífice que receberia um novo nome. A 2 de janeiro

de 533, o presbítero Mercúrio foi eleito Papa. A carcaça do paganismo, morta pela Cruz, ainda não apodrecera por inteiro neste século VI, e era de extrema inconveniência, portanto, que o Vigário de Cristo fosse designado da mesma maneira que o antigo e falso vigário dos deuses latinos. Mercúrio, então, subindo ao sólio pontifício, escolheu para si o nome de João.

Inaugurava-se assim, num golpe de rompimento e guerra com o mundo, o cortejo dos Papas que abandonariam seus nomes para se identificarem com uma missão que os deveria tomar por completo. ✦

...por que chamamos o Sumo Pontífice de Papa?

Papa: eis o título que os católicos utilizam para se referir ao seu pai... Sim, pai, no sentido mais estrito e etimológico do termo.

Πάππας – *papas* – era uma das primeiras palavras balbuciadas pelas crianças de língua grega. Dirigida com efusões de afeto ao pai que protegia, alimentava, ensinava, corrigia e

guiava, essa expressão caseira equivalia ao nosso *papai*.

Os helênicos, tornados filhos de Deus e da Igreja pelo Batismo, logo outorgaram o seu *πάππας* aos progenitores na Fé, os Bispos. Esse carinhoso epíteto foi assim aplicado a todos os príncipes da Igreja até o século VI, época em que se tornou prerrogativa

do Sumo Pontífice Romano, o Bispo dos Bispos e, por isso mesmo, o pai dos pais.

Que maravilha ser católico! Enquanto todos os dominadores do mundo são exaltados pelo poder, influência ou riqueza, nós temos o privilégio de ver em nosso soberano, sobretudo, um pai. ✦

Imagem de São Pedro da praça homônima (Vaticano)





Esposa de Cristo crucificado

Atravessada pelo extraordinário de ponta a ponta, a vida da Beata Ana Catarina Emmerich, além de pervadida de revelações e carismas maravilhosos, brilha pela identificação com a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo em sua Igreja.



✠ Ir. Mary Teresa MacIsaac, EP

Com quanta devoção deveríamos assistir a uma Santa Missa! Neste sublime Sacramento renova-se o Sacrifício do Calvário e Jesus Se faz presente cada dia nas Sagradas Espécies, em qualquer parte do mundo onde um sacerdote pronuncie as palavras: “Isto é o meu Corpo”, “Este é o cálice do meu Sangue”. Assim, após viver neste mundo o Divino Redentor subiu à mansão celeste, mas permaneceu entre os seus, vivificando a Igreja através da Eucaristia.

Contudo, além da presença sacramental, Nosso Senhor quis tornar-Se visível a nós por meio de certas almas

escolhidas nas quais representa de modo vivo o seu rosto sofredor, damas e varões nos quais imprime suas chagas, fazendo da existência deles um como que memorial de sua própria entrega.

A Beata Ana Catarina Emmerich foi uma dessas almas eleitas por Deus para se unir à Paixão do Cordeiro Imolado.¹

Infância pervadida de fenômenos místicos

Ana Catarina compartia a data de seu aniversário com Nossa Senhora, a 8 de setembro, tendo nascido em 1774 perto de Dülmen, na Alemanha. Sua infância esteve tão penetrada pelo sobrenatural, que a existência comum de criança se confundia com uma intensa vida mística.

Sua família, porém, nada percebeu a esse respeito até o momento em que a menina aprendeu a falar. A partir daí tiveram muitas surpresas pois todas as tardes, quando o pai retornava do campo e, sentando-se junto à lareira, punha no colo a pequena *Anna Kathrinchen*, ela lhe narrava com muita candura as histórias que “vira” naquele dia, em sua grande maioria de cenas do Anti-

go Testamento ou da vida da Sagrada Família.

Quando ela contava seis anos de idade, Santa Joana de Valois apareceu-lhe tendo um Menino belíssimo, da mesma estatura de Ana Catarina, ao seu lado. A Santa lhe disse: “Olhe para esse Menino. Gostaria de casar-se com Ele?” Ante a resposta afirmativa, assegurou que ela seria religiosa e que um dia aquele Menino a desposaria. A partir desse momento, mesmo em tão tenra idade a criança decidiu que ingressaria no convento.

Ana Catarina passava os dias no campo cuidando das ovelhas. Era ali que lhe aparecia o Menino Jesus, para brincar e fazer-lhe companhia. Através d’Ele soube, sem que ninguém da família contasse, que em breve teria um irmãozinho. Desejava preparar algo para presenteá-lo logo que nascesse, mas não sabia costurar. Então o “Menininho”, como ela chamava o Divino Infante, ensinou-lhe a coser uma touca e outras roupinhas para o irmão, o que causou espanto à sua mãe, pois esta ainda não a instruíra em tais labores.

Certo dia seu Anjo da Guarda levou-a a visitar a Rainha Maria Antonieta,

Além da presença sacramental, Nosso Senhor quis tornar-Se visível a nós por meio de certas almas que representam o seu rosto sofredor

quando esta se encontrava na prisão, e com frequência a transportava até Jerusalém e Belém, razão pela qual ela afirmava lhe serem estes lugares mais familiares do que sua própria casa. Favorecida com o dom da hierognose, isto é, a sensibilidade ao sagrado, sentia a presença de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia, discernia a veracidade de relíquias dos Santos, discernia de longe a presença de um sacerdote, em virtude de sua unção, e distinguia a água benta da comum.

Esponsais com Nosso Senhor marcados pela tribulação

No entanto, sua vida mística excedia ainda esses impressionantes fenômenos. A Providência a escolheu para realizar nela uma misteriosa e sublime missão: viver em si, como vítima expiatória, o desponsório que Cristo fez com sua Igreja.

Ana Catarina aspirava ardentemente por ser religiosa, mas precisava de um dote para entrar em qualquer convento, e sua família, além de não possuir meios financeiros, não queria ajudá-la porque discordava de seu desejo. Mas ela compreendia que o fim da vida consagrada é a união com o Noivo Celestial, e que seus sofrimentos, esforços e mortificações contribuiriam para a realização desse matrimônio místico.

Percebia também que não recebera a vocação religiosa apenas para seu próprio benefício, mas tendo em vista as necessidades da Santa Igreja. Ela deveria ser como que um receptáculo dos tesouros da graça relacionados com o estado religioso, a fim de mantê-lo íntegro na Igreja, numa época em que a vinha do Senhor estava sendo tão devastada.

A partir desse momento ela começou a preparar tudo o que precisaria para os esponsais. Trabalhou como costureira durante três anos, com a esperança de conseguir a soma necessária para o dote, mas em vão. Quase sempre, no mesmo dia em que lucrava

algo, aquele valor ia para o primeiro pobre com quem ela se encontrava.

Finalmente, aos vinte e oito anos foi aceita no convento agostiniano de Agnetenburg, em Dülmen, muito a contragosto da comunidade, cuja caridade e espírito religioso encontravam-se num estado deplorável, e que não desejava receber uma moça pobre e doente, que só lhe daria trabalho.

Sofrimentos no convento de Agnetenburg

A mediocridade das freiras de Agnetenburg logo criou um clima de vexação, inveja e incompreensão em torno da nova irmã. Sofria ao considerar que, involuntariamente, era causa de pecado para as demais. Via também o rompimento do silêncio e do voto de pobreza, bem como os ruinosos efeitos espirituais da inobservância da regra, e chorava durante horas na capela de dor pelas imperfeições das suas irmãs de vocação e pelos sofrimentos da Igreja.

Ana Catarina sofria de hemorragias no estômago, que lhe faziam expelir sangue. Caiu certa vez e quebrou os ossos do quadril em várias partes, o que a obrigou a permanecer de cama

quase quatro meses. Ela era a sineira do convento, mas depois desse acidente lhe custava muito subir as escadas para exercer sua função e, por isso, a comunidade a acusava de preguiçosa e inútil. Para piorar ainda mais sua reputação junto às irmãs, uma febre altíssima a acometeu por mais dois meses, durante os quais teve novamente de guardar o leito.

Naquele convento era exigido que cada irmã providenciasse o seu próprio café da manhã. Como a Ir. Ana Catarina não possuía meios para comprar nada para si, esperava que todas as irmãs tomassem café, para depois recolher na cozinha os grãos que por-

*Deus escolhera
Ana Catarina para
realizar nela uma
misteriosa e sublime
missão: viver em si o
desponsório que Cristo
fez com sua Igreja*



Reconstrução do quarto usado pela Beata nos últimos anos de vida, com a mobília original - Igreja da Santa Cruz, Dülmen (Alemanha); na página anterior, Ana Catarina Emmerich, por Anna Maria Freifrau von Oër

Dietmar Rabich (CC by-sa 4.0)

ventura tivessem caído ao chão, e então os moía para si. Aconteceu várias vezes de ela não encontrar nada com que se alimentar. Em algumas destas ocasiões, porém, ao voltar para sua cela, a qual trancava antes de sair, encontrava inexplicavelmente algumas moedas no parapeito da janela.

Uma irmã que conviveu com ela nessa época testemunhou que sua maior satisfação era dar algo a quem necessitasse. Essa religiosa perguntou-lhe por que não se preocupava consigo mesma. E ela respondeu: “Ah, sempre recebo muito mais do que dou!” Deixava assim uma não pequena prova de despreensão.

*Em inúmeras ocasiões
ela conheceu em visão
a História Sagrada,
desde a queda dos anjos
do Céu até a Vida
e Paixão de Nosso
Senhor Jesus Cristo*

Inúmeras foram as ocasiões em que houve mal-entendidos entre ela e as demais religiosas. Como a Ir. Ana Catarina nunca se justificava, certa vez acabou sendo acusada injustamente de roubo, entre outras faltas. Sem reclamar, ela se ajoelhou diante de cada irmã e pediu perdão pela infração que não cometera. Quando, passado algum tempo, apareceu a oportunidade de esclarecer o suposto roubo, ela procurou a superiora, a qual respondeu-lhe que nada diria às outras, pois não queria mais pensar naquilo que “fora esquecido”, fazendo assim permanecer manchada a honra da Ir. Ana Catarina.

“Não sou Eu suficiente para ti?”

Uma de suas privações mais dolorosas era a falta de um diretor espiritual. Ela implorava a Deus que lhe enviasse alguém com quem pudesse abrir o seu interior, pois temia muito ser enganada pelo demônio. O Pe. Lambert² não podia cumprir esse papel com a necessária desenvoltura, pois não falava alemão. Ele procurava tranquilizá-la, mas logo suas perturbações retornavam. Um dia, enquanto a Beata rezava na igreja pedindo um confessor, ouviu uma voz lhe perguntar: “Não sou Eu suficiente para

ti?” Era o seu Divino Esposo rogando-lhe que sofresse, como a Igreja, a carência de assistência espiritual, ou seja, a falta de santos pastores.

Um dos aspectos mais marcantes de sua vida eram seus constantes êxtases. Estando no jardim, no claustro, na igreja ou na cela, ao considerar a misericórdia de Deus pelos pecadores ou ao pensar no quanto Ele é ofendido, caía imediatamente ao chão, arrebatada. Às vezes, ao meditar, olhava para o alto e via a Deus. Outras vezes o seu Anjo da Guarda lhe ordenava exortar as religiosas a voltar à observância. Então, ainda em êxtase, ela passava no meio das irmãs citando partes da regra sobre o silêncio, a obediência, o Ofício Divino ou sobre a clausura, que tantas rompiam. Ela também sofria em si a falta de fervor do clero, e exclamava cheia de dor: “Os dedos consagrados dos sacerdotes serão reconhecíveis no Purgatório. Sim, mesmo no inferno eles serão conhecidos e queimarão com um fogo particular. Todos verão o caráter sacerdotal e cobrirão de escárnio seu detentor”.³

Em inúmeras ocasiões a Ir. Ana Catarina Emmerich conheceu em visão toda a História Sagrada, a começar pela queda dos anjos do Céu, a criação e o dilúvio, passando pelos patriarcas, chegando à Vida e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e adentrando no futuro, ao contemplar cenas do Apocalipse. Foi graças às suas visões que os arqueólogos descobriram restos da cidade de Ur, na Caldeia, e encontraram a casa de Nossa Senhora em Éfeso.

Dissolução do convento

Em dezembro de 1811, devido à secularização e ao racionalismo que haviam penetrado na Alemanha, influências nefastas da Revolução Francesa, as autoridades civis dissolveram o convento de Agnetenburg.

Jesus carregando a Cruz, por
Simone Martini - Museu do Louvre, Paris



Graças às suas visões, os arqueólogos descobriram restos da cidade de Ur, na Caldeia, e encontraram a casa de Nossa Senhora em Éfeso

As freiras deixaram uma a uma o mosteiro, sem nenhum pesar, mas a Ir. Ana Catarina não quis abandoná-lo, permanecendo ali sozinha, totalmente desamparada, visto que estava tão doente que não conseguia levantar-se da cama. Foi apenas na primavera seguinte que o Pe. Lambert veio em seu auxílio e instalou-a na casa de uma viúva.

Foi muitíssimo dolorosa para ela a saída de Agnetenburg pois, fiel ao seu voto de clausura, ela havia decidido a todo custo não o abandonar. Em certa ocasião afirmou: “Quando tive que deixar o convento pensei que cada pedra da rua estava prestes a levantar-se contra mim”.

Os anos de vida que lhe restavam, ela praticamente os passaria acamada, em meio a extraordinárias visões e padecimentos atroz.

“Sofre como Eu sofri”

Aos trinta e oito anos ela recebeu os estigmas da Paixão nas mãos, nos pés e no costado. Também se imprimiram em seu peito duas cruzes. Anteriormente, aos vinte e quatro anos, enquanto rezava na igreja dos jesuítas em Coesfeld, fora favorecida com a coroa de espinhos. Muitas vezes não conseguia levantar da cama porque seus pés estavam misticamente pregados à cruz.

Se Nosso Senhor Jesus Cristo consumou seu holocausto entre contradições e perseguições, os sofrimentos de sua esposa não seriam diferentes, pois



Casa da Santíssima Virgem em Éfeso (Turquia)

Hugh Llewelyn (CC by-sa 2.0)

Ele desejava conformá-la inteiramente a Si. A Beata sentia o seu corpo mutilado, queimado, gangrenado e carcomido; sentia que seus dedos haviam sido cortados, e contorcia-se de dor. O Divino Redentor mostrou-lhe mais de uma vez ser essa a situação em que se encontrava o seu Corpo Místico.

Entre fevereiro de 1818 e abril de 1823, ela ditou as suas visões ao literato Clemente Brentano. Este quis conhecê-la por curiosidade, ao ouvir narrações a respeito de seus dons místicos e dos estigmas, mas já no primeiro encontro ficou fortemente impressionado. Por sua vez, ela discerniu nele a pessoa a quem deveria ditar todas as suas visões, confidenciando ao cabo de algumas semanas: “Estou surpresa comigo mesma, pois converso contigo com tanta confiança, comunicando tantas coisas que não posso revelar a outros. Desde o primeiro olhar, não eras um estranho para mim”. Graças aos escritos de Clemente Brentano as visões de Ana Catarina Emmerich chegaram até os nossos dias.

Os fenômenos extraordinários que com ela aconteciam, os estigmas, os sangramentos, as marcas que apareciam em seu corpo, os êxtases, o seu discernimento dos espíritos, tudo isso

chamou a atenção de muitos médicos e estudiosos e, contra a sua vontade, foram feitas incontáveis investigações eclesiais e científicas.

No último ano de sua vida, suas dores haviam-se intensificado até o inimaginável. Ela gemia constantemente. Em 15 de janeiro, o Menino Jesus apareceu e lhe disse: “Tu és minha, és minha esposa. Sofre como Eu sofri, e não perguntes por quê”.

Pouco menos de um mês após essa visão, no dia 9 de fevereiro de 1824, Ana Catarina Emmerich entregou sua alma a Deus, deixando-nos, além dos relatos de suas revelações, um extraordinário exemplo de vida. ✚

¹ Os dados biográficos contidos no presente artigo foram extraídos da obra: SCHMÖGER, CSsR, Karl Erhard. *Life of Anne Catherine Emmerich*. Fresno: Academy Library Guild, 1867, v.I.

² O Pe. Jean Martin Lambert negara-se a assinar a Constituição Civil do Clero durante a Revolução Francesa, e por isso se refugiara na Alemanha. Foi designado confessor do Duque von Croy, em Dülmen, e capelão do convento das agostinianas de Agnetenburg. A Ir. Ana Catarina conheceu-o enquanto exercia a função de sacristã e adquiriu grande confiança nele.

³ SCHMÖGER, op. cit., p.391.



Amor filial em função da Santa Igreja

O título principal pelo qual Dr. Plínio amava e respeitava sua mãe, Dona Lucilia, ultrapassava de longe os vínculos naturais que os uniam: ele decorria, sobretudo, da sua condição de fervorosa católica apostólica romana.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

No que diz respeito ao relacionamento entre Dr. Plínio e Dona Lucilia, era possível vislumbrar o quanto havia de entrelaçamento de almas feito de mútuo carinho, consideração e estima. Dele para com ela, um afeto filial o mais entranhado e reconhecedor de tudo o que ela fazia por ele. Ela, de seu lado, possuía toda espécie de ternura e de enlevo; porém, muito cuidadoso e comedido, porque tinha receio de se deixar levar pelo sentimento e perder o equilíbrio. Ela não queria se apegar a nada, nem sequer ao próprio filho, mas, em relação a ele, ter um amor inteiramente desinteressado.

“De minha parte, o afeto para com ela era um ato de admiração, o que é

uma coisa muito elogiosa, porque é a afirmação de uma qualidade. Da parte dela para comigo, era uma atitude de esperança; um convite para vir a ter essa qualidade. Isso é a essência do afeto”, explicava Dr. Plínio.

Para além dos vínculos naturais

No entanto, não há a menor dúvida de que, para além dos vínculos naturais, havia entre eles um amor sublimado pelo sobrenatural, uma benquerença toda feita de graças. Chamada a ser mãe de um varão incomum, é inegável que, por uma dádiva especial do Espírito Santo, Dona Lucilia percebia de maneira clara e profunda a inocência da alma dele e o quanto era virtuoso.

Ela mesma, em carta a Plínio datada de 23 de abril de 1950, chegou a manifestar sua alegria e gratidão a Deus por tê-lo como filho:

“De todo o coração, de toda a minha alma, agradeço-te a carta tão afetuosa que me deixaste, e que tanto conforto me trouxe [...]. Chorei é verdade, mas, graças a Deus, foi de felicidade por ter recebido eu, tão indigna, ‘liberal’, a imensa dádiva dos Sagrados Corações de Jesus e Maria Santíssima, de um filho tão santo, tão bom e carinhoso, que abençoo de todas as veras de minha alma, por quem

peço toda a proteção Divina, e a Luz do Divino Espírito Santo”.

Nada há de mais forte na ordem da criação do que o imbricamento entre almas que se amam tendo a santidade por objetivo! Comparado com isso, até mesmo o diamante é um farelo de pó de arroz.

Mais do que mãe, uma verdadeira católica

Ademais, era Dr. Plínio um homem católico apostólico romano com tal amor pela Igreja que, tendo uma mãe como Dona Lucilia, levava seu desprendimento ao ponto de prezar muito mais o fato de ser ela católica, do que ser sua mãe. Vejamos algumas afirmações dele nas quais isso se torna patente:

“Se eu amo tanto a mamãe, é porque ela me conduziu à Igreja. E se eu amei a ela até o fim, é porque eu até o fim a examinei e até o fim eu notei que nela tudo conduzia à Igreja Católica”.

“Eu tenho dito muitas vezes quanto eu quis bem e respeitei a mamãe. Sem dúvida, eu a respeitava como mãe, mas não era o título principal. O título principal pelo qual eu a queria era essa união de almas que havia entre ela e eu, com vistas a Deus. Por ela espelhar para mim a Igreja Católica, o Sa-

*Para além dos
vínculos naturais,
havia entre eles um
amor sublimado pelo
sobrenatural, uma
benquerença toda
feita de graças*

grado Coração de Jesus, o Imaculado Coração de Maria e por tudo que havia nela afim comigo, posto intencionalmente por Deus para refletir a Ele, eu era levado a amar a ela de um modo muito especial, mais por estes aspectos do que por ser minha mãe segundo a natureza”.

Lembro-me de ter ouvido Dr. Plínio contar num almoço um edificante episódio, acontecido entre ambos. Quando Dona Lucília já estava com certa idade, ele se colocou a seguinte questão: “Até onde eu amo minha mãe, e até onde amo os princípios que ela representa? Se ela ficasse protestante, continuaria a amá-la do mesmo jeito, ou teria repulsa por ela? Não! Eu teria repulsa, porque o que eu amo nela é aquilo que ela representa!”

Certa vez, enquanto estavam sentados à mesa, ele não se conteve e pensou: “É duro, mas eu vou pô-la à prova, porque quero ver como é a reação dela ao ouvir isso”. E disse:

— Mamãe, sabe o que estive pensando outro dia? Que, se Deus nos livre e guarde, a senhora, por desgraça, deixasse de ser católica e ficasse protestante, eu sairia de casa e a deixaria sozinha. Eu continuaria a mantê-la financeiramente, trataria de todas as necessidades da senhora e iria lhe visitar uma vez por ano ou a cada seis meses, mas nossas relações estavam partidas!

Dona Lucília aceitou aquilo com naturalidade, como se alguém lhe dissesse: “Estou com sede e vou tomar este copo de água”, e respondeu louvando a atitude dele. Anos depois, comentaria Dr. Plínio: “Nesse dia eu fiquei querendo e admirando a ela



Dona Lucília com seu filho Dr. Plínio, em janeiro de 1959

*“Se eu amei a ela
até o fim, é porque eu
até o fim a examinei
e até o fim eu notei
que nela tudo
conduzia à Igreja
Católica”*

mais do que antes! Porque eu tinha feito um teste, e ela havia passado de modo brilhante!”

*Mesmo que não fosse sua mãe,
a amaria com o mesmo afeto*

Por outra parte, Dr. Plínio chegou a afirmar ter-se posto várias vezes

durante a vida ante um problema na aparência contrário ao anterior, mas cujo fundo vinha a ser o mesmo: “Eu quero tão bem a ela porque ela é tão boa, ou porque ela é minha mãe?”; “Se, em vez de ser minha mãe, ela fosse minha tia, ou uma senhora de sociedade, ou uma parenta, ou uma prima idosa, eu a quereria como quero? Sim ou não?”

E a resposta surgia logo, sem lugar a dúvidas: ainda que ela não fosse sua mãe e, portanto, não tivesse nenhuma relação natural com ele, conhecendo-a em qualquer lugar do mundo, ele a amaria com o mesmo carinho, o mesmo afeto, a mesma estima e a mesma consideração que lhe devotava!

“Eu quereria tê-la como mãe. E se ela fosse,

por exemplo, minha tia, eu arranjaria um pretexto para ir todos os dias à casa dela, daria um jeito de ela ser minha madrinha, faria qualquer coisa para tornar explicável que eu, embora sobrinho, tivesse com ela as relações que eu tenho com mamãe. Se fosse uma prima, *simile modo*.¹ Se fosse uma senhora de sociedade, seria muito mais difícil, mas eu acabava conseguindo algum jeito de que isso ainda fosse assim”. ❖

Extraído, com pequenas adaptações, de: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio.

O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira.

Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.I, p.161-166

¹ Do latim: de modo semelhante.

Um canto de louvor ao Menino Deus

No passado mês de dezembro, os Arautos do Evangelho promoveram centenas de concertos natalinos em louvor ao Menino Deus, muitos deles com a participação de jovens que frequentam os projetos catequéticos da instituição.

Destacamos nestas páginas as apresentações realizadas na Esplanada dos Ministérios e no Teatro Pedro Calmon, em Brasília; na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP); no Teatro Paulo Autran, em

Curitiba; nas dependências da Canção Nova em Várzea Grande (MT); e nas cidades de São Paulo, Cuiabá, Maringá (PR), Cotia (SP), Cidade Estrutural (DF), Joinville (SC), Mairiporã (SP) e Campos dos Goytacazes (RJ); bem como na Catedral de Toledo e em Valência, Espanha; na Catedral de Évora e em Guimarães, Portugal; no Santuário Nacional de Nossa Senhora de Caacupé e na Catedral de Ciudad del Este, Paraguai; na Guatemala, El Salvador, Peru e Equador.

Stephen Nami



Cotia (SP)



ALESP (São Paulo)



Guimarães (Portugal)

Hélicia Chala



Explanada dos Ministérios (Brasília)



Equador



Cuiabá

Nuno Moura



Évora (Portugal)



Peru



Paróquia Santo Antônio (São Paulo)

Roberto Salas



El Salvador



Ciudad del Este (Paraguai)



Guatemala

Roberto Salas



João Lucas Guimarães



Teatro Pedro Calmon (Brasília)



Colômbia

Jesse Arce



Nuno Moura



Natasha Siedlarzyk

Curitiba



Toledo (Espanha)

Eric Salas



Mairiporã (SP)



Isabel Bogado

Caacupé (Paraguai)



Joinville (SC)

Davi Zanguellini



João Lucas Guimarães



Leandro Sousa

Maringá (PR)



Canção Nova - Várzea Grande (MT)

João Lucas Guimarães



Campos dos Goytacazes (RJ)



João Lucas Guimarães

Cidade Estrutural (DF)



Valência (Espanha)

Marta Colao



Fotos: Stephen Nami



Caieiras (SP) – Os Arautos do Evangelho tiveram a alegria de comemorar o Natal do Senhor e a Solenidade da Santa Mãe de Deus com Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo de Bragança Paulista, que presidiu as celebrações na Basílica de Nossa Senhora do Rosário nos dia 25 de dezembro (foto 1) e 1º de janeiro (fotos 2 e 3).

Hélicia Chala



Pablo Verdug

Andrea Sánchez



Maria Bassi

Atividades Natalinas – Por ocasião do Natal, diversas atividades sociais foram desenvolvidas pelos Arautos do Evangelho, entre as quais a visita com o Menino Jesus, animada com cânticos natalinos, ao Hospital de Base em Brasília, que contou com a presença da primeira-dama do Distrito Federal, Mayara Noronha (foto 1), à Santa Casa de Misericórdia, em Curitiba (foto 7), e à casa geriátrica Margarita Cruz Ruiz, na Cidade da Guatemala (foto 5); bem como a distribuição de alimentos e presentes na Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Caieiras, São Paulo (foto 2), em Cariacica, Espírito Santo (foto 3), na comunidade de Tutupali em Tarqui, Equador (foto 4), e na localidade de Xitevele em Boane, Moçambique (foto 6).



Instituição de ministérios

No dia 19 de dezembro de 2025, sessenta e nove membros dos Arautos do Evangelho receberam os ministérios de leitorado e acolitado, durante a solene Missa presidida pelo Cardeal Raymundo Damasceno Assis, Arcebispo Emérito de Aparecida, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP).

Honraram a cerimônia com sua presença Dr. Fernando Antonio Torres Garcia, então presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo; Dr. Tirso de Salles Meirelles, presidente da FAESP; os desembargadores Dr. Su-

laiman Miguel Neto, Dr. Erickson Gavazza Marques e Dr. Nino Oliveira Toldo; Dr. Aloisio Pupin, promotor de justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo; os juristas Dr. João Grandino Rodas e Dr. Dircêo Torrecillas Ramos; os deputados estaduais Gil Diniz e Thiago Auricchio, representante do presidente da ALESP, Deputado André do Prado; Dr. Gilmar Soares Vicente, prefeito de Caieiras; Dra. Sonaira Fernandes, vereadora da cidade de São Paulo; o jornalista Hugo Roger, da Rede Vida, canal que transmitiu ao vivo a Santa Missa.



Fotos: Stephen Nami



Pedrinha da graça “versus” grandeza do homem

As blasfêmias do filisteu ressoaram nos ouvidos do jovem filho de Jessé. Que atitude tomar ante as afrontas do inimigo?



✠ Ir. Diana Milena Devia Burbano

As páginas sagradas encerram paradigmas para toda a História. Um deles – e dos mais eloquentes – é o duelo entre um jovemzinho “ruivo, de belos olhos e de formosa aparência” (I Sm 16, 12) e um abrutalhado gigante da Filisteia (cf. I Sm 17).

Davi tinha sido escolhido por Deus para substituir o infiel Saul como rei de Israel. Tendo o profeta Samuel ungido o filho de Jessé, o espírito do Senhor já se apoderara dele (cf. I Sm 16, 13). Sem embargo, era preciso que sua figura ganhasse gradualmente renome diante do povo a fim de que, em dado momento, ele fosse reconhecido como monarca. O contexto para que isso se realizasse não tardou em surgir: os filisteus, à procura de vingança contra a derrota que Saul lhes infligira, empreenderam uma violenta contraofensiva.

Audácia, fruto da razão

Davi servia de harpista ao rei quando o espírito mau dele se apoderava, e somente as melodias do pastor de Belém podiam aliviá-lo (cf. I Sm 16, 14-23). Assim começou sua vida na corte.

Tendo-se iniciado a mobilização para a guerra contra os filisteus, seus três irmãos mais velhos se alistaram, e ele, o mais novo da família, ficou na casa paterna para cuidar do rebanho.

Em dado momento Davi foi enviado pelo pai para levar provisões aos seus irmãos combatentes e obter notícia deles. A situação que o jovem encontrou no acampamento era das mais desalentadoras.

As tropas dos filisteus e dos israelitas se defrontaram no Vale do Terebinto. Como primeiro ato os adversários apresentaram o melhor de seus soldados, que propôs um combate singular contra qualquer membro do exército hebreu: “Dai-me um homem para lutar-mos juntos” (I Sm 17, 10). Era Golias, um homem descomunal, de quase três metros de altura. Estava revestido de uma couraça de aproximadamente sessenta quilos e um capacete de bronze, e portava uma grande lança, cuja ponta de ferro pesava mais de sete quilos!...

Aterrorizados diante daquele personagem, os hebreus se acovardaram, temendo enfrentá-lo. Quem estaria à altura do indomável guerreiro? O dilema continuou por longos quarenta dias, sem conclusão alguma...

Davi chegou ao acampamento quando Golias repetia seu desafio, como nos dias precedentes. Ao ouvir suas palavras carregadas de soberba, tomou-se de indignação e começou a percorrer as fileiras dos soldados, perguntando: “Que será feito àquele que ferir esse filisteu e tirar o opróbrio que pesa sobre Israel?” Engana-se

quem julga que o jovem filho de Jessé movia-se por ambição; basta continuar a leitura para se desfazer o equívoco: “E quem é esse filisteu incircunciso para insultar desse modo o exército do Deus vivo?” (I Sm 17, 26). A audácia é fruto da razão, não das emoções. Ele apenas ponderava tudo, antes de se apresentar para lutar com o gigante!

Sua atitude impressionou a todos, sobretudo ao rei, o qual, após certa hesitação, autorizou que ele se lançasse à empresa. Com efeito, “Saul não reconheceu nele o pastor de Belém, o hábil músico que ainda há pouco tempo acalmava as suas fúrias. Tornara-se mais forte, o seu rosto mais varonil”.¹

As armas de Davi

O jovem guerreiro foi revestido com a armadura de Saul, a espada real, um capacete de bronze e uma couraça. Ele, porém, não estava habituado a tais apetrechos, de maneira que nem sequer conseguia andar! Rejeitou-os, pois, logo em seguida. E com incrível simplicidade tomou seu cajado, alforje e funda, escolheu cinco pedras lisas e avançou corajosamente contra Golias.

O sentido prático das pedras consiste em que, sendo elas lisas, quando lançadas não mudam de direção, como as irregulares, e atingem, certas, o alvo. Elas representam as cinco chagas de Nosso

Senhor Jesus Cristo: refugiados nelas e por meio de seus méritos, não há mal que não possamos vencer.

Já os apetrechos de guerra, se trazidos para nossa vida espiritual, podem representar os grandes meios de que o mundo se serve para triunfar: prestígio, dinheiro, opressão, mentira... Considerando a força do inimigo, nosso corpo treme, o coração se angustia, o medo toma-nos por inteiro. No entanto, se nos refugiamos no Senhor Deus dos exércitos, o temor cede lugar à certeza da vitória. Assim, o herói do Altíssimo utilizou as “armas” dos humildes: a pedra e a funda, símbolos da oração e da confiança no Rei dos Céus.

Invencibilidade ou covardia camuflada?

Mas, se prestarmos bem atenção, veremos que sob a arrogância do adversário se oculta uma vergonhosa fraqueza.

Não parece estranho ao leitor que todo o exército filisteu se esconda atrás de um único homem, o qual sobressaía por seu talhe incomum e, ademais, se apresentava protegido por couraça, escudo, escudeiro?... Golias seria tão forte assim? Sua invencibilidade era real? Ou tudo não passava de um disfarce? Talvez toda aquela exibi-

ção de força estivesse encobrindo uma grande covardia!

Eis a artimanha do mundo: empregar meios pomposos e chamativos para se jactar, quando na realidade nada possui, por não contar com o auxílio do Todo-Poderoso. Somente quem tem a Deus é verdadeiramente forte e de valor. Com razão afirma Santo Agostinho: “O mundo apresenta uma dupla batalha contra os soldados de Cristo: os afaga para seduzi-los, e os atemoriza para quebrar sua resistência”; porém, “ainda que aperte, não oprimirá, e ainda que ataque, não vencerá”.²

O final do relato bíblico todos nós conhecemos: Davi tirou de seu alforje uma pedra e arremessou-a com a funda, atingindo a testa de Golias. “O mesmo golpe que fez este orgulhoso filisteu perder a vida infundiu tal terror no ânimo de todos os outros que, não ousando tentar a sorte em uma batalha, depois de ter visto cair diante de seus próprios olhos aquele no qual eles punham toda sua confiança, deliberaram fugir”.³

Uma lição para os novos “Davis”

Encerrando estas considerações cabe ponderar, ou melhor, interrogar a nossa própria fé: se Davi, que era ancestral de Nosso Senhor e, portanto, não vivia ainda no regime da graça,

foi coroado de tão brilhante vitória, que epopeias não poderão realizar os filhos da luz, hoje robustecidos pelos méritos do Preciosíssimo Sangue do Salvador e da intercessão de nossa Rainha, Maria Santíssima?

Que esses versículos das Sagradas Escrituras sirvam de estímulo para cada um de nós, a fim de não nos fiarmos nas forças naturais nem nos amedrontarmos pelas ameaças do mal. Fundamentemos, isto sim, nossa esperança no Onipotente e seremos invencíveis, como invencível é o próprio Deus! ✠

¹ BERTHE, Augustin. *Relatos bíblicos*. Porto: Civilização, 2005, p.259.

² SANTO AGOSTINHO. Sermo 276, n.1-2. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1984, v.XXV, p.21.

³ JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. São Paulo: Editora das Américas, 1956, v.II, p.221.



Se Davi foi coroado de tão brilhante vitória, que epopeias não realizarão os filhos da luz com os méritos da Paixão e a intercessão de Maria ?

Davi luta com Golias, por Francesco Pesellino - Galeria Nacional, Londres



O imperador mendigo e o pobre onipotente

“A César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Mas, uma vez que “do Senhor é a terra e tudo o que ela contém”, o que pode César pretender ter de exclusivo?

✠ **Ângelo Francisco Neto Martins**



As cenas que ilustram estas páginas resumem um dos fatos mais retumbantes da História, não apenas da Igreja, mas da civilização. Ocorrido no século XI, ele marcou os tempos e as mentes, tal é o seu caráter paradigmático.

Muito dessa carga simbólica se concentra nos dois protagonistas dos quadros. De um lado, Henrique IV, imperador do Sacro Império Romano-Alemão, o homem mais poderoso de sua época, um rei de reis. De outro, São Gregório VII, um simples plebeu do norte da Itália, o qual, entretanto, fora elevado à Sé de Pedro; era o Papa.

Tratava-se dos dois supremos potentados da Cristandade. E dos dois antagonistas mais contrastantes.

O imperador, apesar de soberano, era escravo de suas paixões. Não havia solicitação da carne a que não obedecesse, nem capricho do orgulho que deixasse de atender. Já o Pontífice era senhor de si mesmo. Religioso desde jovem, foi roubado ao mosteiro para guiar a nau de Pedro; o mosteiro, contudo, nunca pôde ser roubado

dele, pois o levava em si pela contemplação, pela humildade e pelo desprendimento.

Henrique IV, pretensioso, não recuava diante de nenhum assassinato, perjúrio, roubo ou outro crime, para crescer em poder. Mas São Gregório VII também tinha uma santa pretensão: que a Igreja “permanecesse livre, pura e católica”.¹ O choque das duas pretensões tornou-se, assim, inevitável.

Henrique deitou a mão nos direitos da Igreja. Nomeou e depôs Bispos a seu bel-prazer, caluniou o Papa e o perseguiu pelas armas. Para cúmulo, teve ainda a infeliz ideia de eleger um antipapa e “excomungar” o verdadeiro Pontífice. Mas o ataque funcionou como um bumerangue. Do alto da Cátedra de Pedro, o Pontífice excomungou solenemente o imperador.

O golpe foi destruidor! Os servidores e vassalos de Henrique o abandonaram e, de um momento para o outro, o grande potentado, o dominador do mundo, o conquistador invicto, viu-se lançado ao chão...

Havia só uma forma de retomar o trono desfeito: pedir perdão ao Papa. E lá foi Henrique mendigar à porta de São Gregório VII, entre as muralhas do Castelo de Canossa, no norte da Itália. Corria o mês de janeiro de 1077, e se fazia sentir o inverno mais frio do século. De pés descalços, burel penitencial e lágrimas nos olhos, o imperial mendigo pediu ao pobre monge sua esmola ao longo de três dias.

Foi, por fim, recebido pelo Pontífice. De joelhos protestou seu arrependimento incondicional e jurou fidelidade ao Sucessor de Pedro. Só pedia um favor: que fosse levantada a excomunhão que o derrubara.

O poder temporal se dobrava diante do espiritual. O cetro reconhecia o império universal do Pastor de toda a grei católica. César estava aos pés de Deus... no lugar que lhe correspondia.

“A César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22, 21). Mas, uma vez que “do Senhor é a terra e tudo o que ela contém” (Sl 23, 1), o que pode César pretender ter de exclusivo? Com efeito, que poder detém ele senão o que lhe vem do Alto (cf. Jo 19, 11)? Que possuirá ele que não lhe tenha sido dado por Deus (cf. I Cor 4, 7)?

A missão dos governos seculares não é outra que a de encaminhar a sociedade civil para o seu fim natural e sobrenatural. E este consiste na glória do Criador e na salvação eterna das almas.² Uma legislação que favoreça o pecado ou proíba a virtude trai, portanto, a sua obrigação e está em estado de revolta contra Deus. De maneira que o governante só poderá ser fiel ao seu chamado na medida em que se ajoelhe perante o Senhor.

Mas essa lição não é a única legada pelo fato aqui ilustrado. Subjugando o imperador, o Papa deixou consignado para os séculos que não é a Igreja que deve adaptar-se ao mundo, e sim o mundo à Igreja. Vigário de Cristo, o Papa haure d’Ele a onipotência da verdade. E São Gregório VII sabia



Henrique IV diante de São Gregório VII, por Taddeo e Federico Zuccari - Palácio Apostólico (Vaticano); na página anterior, “Henrique IV diante de Canossa”, por Eduard Schwoiser - Fundação Maximilianeum, Munique (Alemanha)

que não é cedendo que se conquista para Deus. ✠

¹ SÃO GREGÓRIO VII. *Epistola LXIV. Ad omnes fideles*: PL 148, 709.

² A esse respeito, afirma São Tomás: “Sendo a beatitude celeste o fim da vida

presentemente bem vivida, pertence à função régia, por essa razão, procurar para a multidão uma vida boa, segundo convém à consecução da beatitude celeste, isto é, preceituando o que leva à bem-aventurança celeste e interditando o contrário, na medida em que possa” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *De regno ad regem Cypri*. L.I, c.16).

Nossa Senhora de Lourdes -
Capela a Ela dedicada em
Franco da Rocha (SP)

Infundi-nos um raio de vossa imaculabilidade

*S*omos filhos de Maria Imaculada!
E se temos apreço por nossa mãe
natural, muito maior deve ser nosso amor
por Aquela que é Mãe de nossa vida so-
brenatural. Cheios de gratidão, pegamos
a Ela que, assim como triunfou sobre o
pecado, triunfe em nossa alma, infundin-
do-lhe um raio de sua imaculabilidade. E
que, purificados de todas as nossas mi-
sérias, sejamos assistidos por seu Di-
vino Esposo e nos transformemos
em instrumentos eficazes para a
promoção de um outro triunfo,
por Ela prometido em Fátima e
tão desejado por nós: o do seu Sa-
piencial e Imaculado Coração.

Mons. João Scognamiglio
Clá Dias, EP

